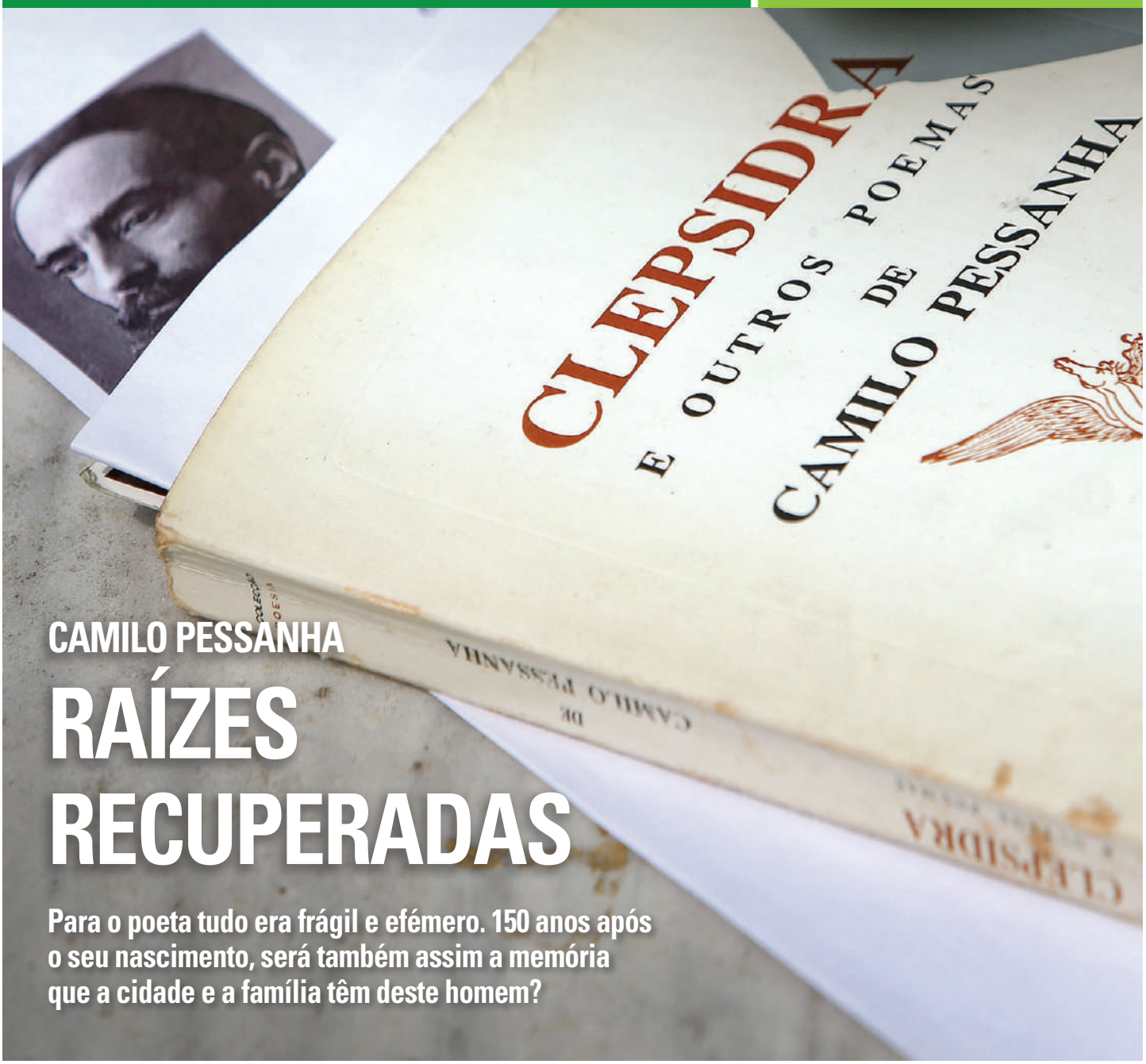
APELIDOS CHINESES PARA QUE SERVEM AS ASSOCIAÇÕES DE NOMES?

Macau 澳門



CAMILO PESSANHA

RAÍZES RECUPERADAS

Para o poeta tudo era frágil e efémero. 150 anos após o seu nascimento, será também assim a memória que a cidade e a família têm deste homem?

TUNG SIN TONG

A INSTITUIÇÃO QUE FAZ PARTE DA HERANÇA LOCAL

MACAU DO BRASIL

A CURIOSA HISTÓRIA SOBRE A ORIGEM DO NOME

Macau MOP 30 • Hong Kong HKD 30 • R.P. China RMB 30 • Internacional USD 4 Abril 2017 • ISSN 0871 004X

SENTIR MACAU
Ao Seu Estilo

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macaotourism.gov.mo

Macau 澳門

DIRECTOR
Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA
Amelia Leong

EDITORA EXECUTIVA
Maria João Oliveira

PROPRIEDADE
Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO
Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO
Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399

EDITOR
Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA
Catarina Lau Pineda [CLL Design]

WEB DESIGN
Rita Ferreira

COLABORADORES
Ana Marques Gonçalves (Portugal), Catarina Domingues,
Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes,
Filipa Queiroz, João Paulo Menezes (Portugal), José Simões Morais,
Luciana Leitão, Marta Curto (Moçambique), Mónica Menezes (Portugal),
Nuno G. Pereira, Patrícia Lemos, Sandra Lobo Pimentel, Sofia Jesus

TRADUÇÃO
Nicole Kuong

FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal), Tiago Alcântara

ILUSTRAÇÃO
Rodrigo de Matos

FOTOGRAFIA DA CAPA
Gonçalo Lobo Pinheiro

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE
Av. Comercial de Macau, 251A-301
AIA Tower, 20.º andar, Sala 62
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO
Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM
1500 exemplares

ISSN: 0871-004X

www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:

Available on the App Store

ANDROID APP ON Google play

O poeta simbolista português Camilo Pessanha, uma das maiores referências da poesia de finais do século XIX e princípios do século XX em Portugal, viveu grande parte da sua vida em Macau, tendo aqui falecido em 1926, com 58 anos de idade.

Neste ano de 2017 assinalam-se os 150 anos do seu nascimento. A sua vida e a sua obra têm sido muito estudadas e sobre ele já foram publicados muitos livros e artigos.

Uma das marcas da sua vivência em Macau foi o nascimento, em 1896, do seu filho João Manuel Pessanha. A revista MACAU contactou alguns descendentes do poeta e apresentamos nesta edição o ponto da situação possível da herança genética de Camilo Pessanha em terras do Oriente.

Outro tema curioso que abordamos nas páginas que se seguem é a existência em Macau, ainda nos dias de hoje, de associações que congregam indivíduos que têm o mesmo apelido. Uma rápida consulta às páginas do Boletim Oficial de Macau permite detectar a existência de uma Associação dos Indivíduos de Apelido Ngai Residentes em Macau bem como de outras que congregam os que têm Che, Tam ou Leong como apelido comum.

Na reportagem que agora publicamos explica-se a razão de ser desta tradição, que tem a ver, entre outros motivos, com as raízes históricas dos apelidos, que permite por exemplo aos residentes de Macau de apelidos Chong e Im (Zhuang e Yan, em mandarim) considerarem-se descendentes do famosíssimo filósofo taoista Zhuang Zi.

Entre os destaques desta edição de Abril merece igualmente referência a realização no mês de Março do Festival Literário de Macau – Rota das Letras, que este ano reuniu mais de 70 convidados dos mais diversos países e regiões. Trata-se de uma iniciativa lançada em 2012 pelo jornal *Ponto Final*, que conta com o apoio do Instituto Cultural e que já se consolidou como um evento incontornável do calendário cultural da RAEM.

Luís Ortet

6 **ACONTECEU**
As notícias que marcam a actualidade da RAEM

12 **RADAR LUSÓFONO**
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa

18 **O HOTEL CHINÊS DE MAPUTO**
Grande investimento de grupo chinês resulta em empreendimento luxuoso em Moçambique

26 **A MACAU DO BRASIL E AS SUAS ORIGENS**
A curiosa história da Macau do Rio Grande do Norte e os mitos a envolver a Macau da China

34 **OS APELIDOS CHINESES**
As associações de Macau que reúnem as pessoas com os mesmos nomes

42 **AS MEMÓRIAS DA FAMÍLIA DE CAMILO PESSANHA**
Nove décadas após a morte do poeta e numa altura em que se completam 150 anos do seu nascimento, que memórias partilham os seus descendentes e a sua cidade?

52 **O PAPEL DA TUNG SIN TONG**
A história da associação de beneficência que é também uma herança emblemática na cultura local

58 **ROTA DAS LETRAS: SEIS ANOS DE FESTIVAL**
O amadurecimento e as novidades do Festival Literário de Macau

66 **TAOISMO: VIVER EM HARMONIA**
Em Portugal, praticar tai-chi-chuan começa a estar cada vez mais na moda

72 **TRADIÇÕES: O DIA DO BUDA**
Como se celebra em Macau uma das mais significativas datas do calendário budista

78 **ÁTRIO: JAMES WONG**
O artista que irá representar Macau na Bienal de Veneza

84 **ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
Novidades e sugestões para os próximos meses

90 **MEMÓRIAS: VISTA PANORÂMICA DA CIDADE**
O recorte da Baía da Praia Grande no início do século XX

HOLI FESTIVAL: AS CORES QUE CELEBRAM A VIDA

A sexta edição em Macau do Holi Festival, um dos eventos hindus mais populares da Índia, encheu de cor a zona de convívio da praia de Hac Sá, em Coloane, numa chuvosa tarde de Março. Cerca de 200 residentes de várias origens juntaram-se ao evento que tem como mote "celebrar a vida" e que é famoso por espalhar pós coloridos entre todos os participantes. Victor Kumar, presidente da Associação Cultural da Índia em Macau e responsável pela organização do evento, comandou uma série de actividades de dança indiana e yoga. O evento contou ainda com o apoio de vários grupos artísticos locais, como o ArtFusion e o Axé Capoeira, e os conjuntos de dança indiana de Hong Kong Saffron e Bollywood Dream Group. Segundo a organização, ano após ano o número de participantes na versão local do Holi Festival tem vindo a aumentar.

GONÇALO LOBO PINHEIRO

Governo anuncia criação de turmas bilingues em escolas públicas

O Executivo da RAEM anunciou a criação, pela primeira vez, de turmas bilingues em duas escolas públicas para o ano lectivo 2017/2018, como meio de incentivar a formação de quadros que dominem o português e o chinês. Segundo um comunicado da Direcção de Serviços de Educação e Juventude (DSEJ), está planeada a criação de "uma ou duas turmas em português e chinês", no primeiro ano do ensino primário e do secundário na Escola Oficial Zheng Guanying, e no primeiro ano do ensino primário na Escola Primária Luso-Chinesa da Flora. A criação de novas turmas será estendida anualmente até ao terceiro ano do ensino secundário complementar. Estas turmas "poderão quebrar a metodologia de ensino tradicional, adoptando uma concepção curricular e pedagógica flexíveis, com línguas veiculares de mandarim e português".

UM COM NOVO CENTRO DE HISTÓRIA E CULTURA CHINESAS

A Universidade de Macau (UM) inaugurou no final de Fevereiro o Centro de História e Cultura Chinesas, que se destina à investigação e divulgação destas duas áreas em Macau e nos países de língua portuguesa. O organismo espera melhorar a compreensão dos residentes sobre estes campos de estudo. De acordo com o Ministério da Educação do Governo Central, o centro deverá funcionar como uma plataforma de pesquisa nas áreas das Humanidades e das Ciências Sociais. "Desde a sua criação, a Universidade de Macau tem-se comprometido com a melhoria do ensino e da capacidade de pesquisa científica em relação à história e cultura chinesas. Agora, além de ter excelentes instalações, também tem especialistas e estudiosos notáveis, locais e do exterior", disse a secretária para a Administração e Justiça, Sónia Chan, durante a cerimónia de inauguração.

ARTISTAS LUSÓFONAS ASSINALAM O DIA DA MULHER

Macau assinalou o Dia Internacional da Mulher a 8 de Março com a inauguração de uma exposição de 28 obras realizadas por 28 artistas femininas de países e territórios de língua oficial portuguesa. Intitulada "28 + 28: 28 artistas + 28 obras em feminino", a mostra reúne trabalhos de artistas de Macau, Portugal, Moçambique, Brasil, Angola, Timor-Leste, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. A exposição, organizada pelo Albergue SCM em conjunto com a Galeria 57, reúne trabalhos que "cobrem vários estilos e temas, testemunhando a relevância da contribuição das mulheres para a arte contemporânea". Estes trabalhos podem ser vistos até 16 de Abril e contemplam obras de Ana Jacinto Nunes, Graça Morais, Gracinda Candeias, Maria João Franco, Xaneca, Ana Silva, Carmen Gusmão, Fátima Pena, Joey Ho e Lai Sut Weng, entre outras.

ACORDO ENTRE PORTUGAL E MACAU ESTABELECE "REDE DE ESCOLAS ASSOCIADAS"

Macau e Portugal acordaram a criação de "uma rede de escolas associadas", que vai unir, através de protocolos de geminação, escolas secundárias dos dois lados. O anúncio foi feito num comunicado conjunto da II reunião da Subcomissão da Língua Portuguesa e Educação, constituída no âmbito da Comissão Mista entre Portugal e Macau, que teve lugar a 20 e 21 de Fevereiro, no Camões, Instituto de Cooperação e da Língua. "Essa rede constituirá igualmente a plataforma privilegiada para o desenvolvimento de outras áreas de cooperação bilateral que as partes consideraram relevantes, nomeadamente ao nível da capacitação institucional no domínio da produção de estatísticas em educação, desenvolvimento da educação inclusiva, desporto escolar e adaptado, educação estética e artística do ensino e formação profissionais, coordenação e liderança escolares, bem como da promoção da leitura em língua portuguesa."

Nova comissão coordena participação na iniciativa "Uma Faixa, Uma Rota"

Macau criou uma comissão para "coordenar os planos gerais de curto, médio e longo prazo da participação e contribuição" da RAEM "na construção de 'Uma Faixa, Uma Rota'". À Comissão de Trabalho para a Construção de 'Uma Faixa, Uma Rota', presidida pelo Chefe do Executivo, cabe ainda "promover a realização de estudos com vista à formulação das respectivas estratégias políticas". O grupo será composto por 15 membros, incluindo os cinco secretários do Governo. "Uma Faixa, uma Rota" é a versão simplificada de "Faixa Económica da Rota da Seda e da Rota Marítima da Seda para o Século XXI", o projecto de investimento impulsionado pela China para reforçar a sua posição como centro comercial e financeiro da Ásia.

PSP cria "polícia turística"

A Polícia de Segurança Pública (PSP) estabeleceu formalmente a polícia turística no início de Março, depois dos "bons resultados" da experiência de um ano que se seguiu à sua criação preliminar em Abril de 2015. Segundo a PSP, a península de Macau, que concentra as principais atracções turísticas da cidade, vai contar com 30 agentes; e a zona insular, em particular o centro da Taipa e o Cotai, com dez. De acordo com a PSP, os polícias turísticos "têm como principal missão prestar serviços profissionais e de qualidade", como atender turistas, dar indicações e apoio, tratando de participações e consultas sobre objectos perdidos.

Chui Sai On diz que segurança é prioridade na aldeia de Lai Chi Vun

O Chefe do Executivo de Macau disse que a segurança pública é uma "prioridade" na aldeia de Lai Chi Vun, sublinhando o apoio às entidades envolvidas no planeamento daquela zona de Coloane. Chui Sai On reagiu assim às queixas dos moradores, que estão contra a demolição dos antigos estaleiros. O líder de Macau realçou que é necessário explicar à população o modo como o Governo irá "proteger" aquela zona e revelou que vai instruir a Direcção dos Serviços de Assuntos Marítimos e de Água para que explique detalhadamente ao público os trabalhos desenvolvidos no local, designadamente sobre a segurança pública e a renovação anual da licença dos estaleiros.

PROCISSÃO DE SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS LEVA CENTENAS DE PESSOAS À RUA

Centenas de pessoas, entre residentes e turistas, juntaram-se este ano no início de Março à Procissão de Senhor Bom Jesus dos Passos. O cortejo religioso teve início no Largo da Sé ao som da banda do Corpo de Polícia de Segurança Pública. Com um percurso ligeiramente diferente do habitual, os participantes seguiram em direcção à Rua Pedro Nolasco da Silva, passaram pela Rua do Campo e regressaram mais tarde à Igreja de São Domingos.

31.º ANIVERSÁRIO DA RUC ASSINALADO POR ANTIGOS COLABORADORES

Macau voltou este ano a assinalar mais um aniversário da Rádio Universidade de Coimbra (RUC). Um grupo de antigos colaboradores organizou uma festa no Kampek Bar. Ligada ao movimento estudantil de Coimbra, a RUC foi fundada no dia 1 de Março de 1986 (há 31 anos), tornando-se no primeiro órgão de comunicação social em Portugal, composto e administrado exclusivamente por estudantes universitários.

IVO FERREIRA FILMA *HOTEL IMPÉRIO* EM MACAU

Depois de *Cartas de Guerra*, o cineasta português Ivo Ferreira escolheu Macau como pano de fundo para o seu próximo filme, intitulado *Hotel Império*. O novo trabalho do realizador, que esteve em filmagens na cidade até finais de Março, conta a história de uma portuguesa nascida na cidade – interpretada por Margarida Vila-Nova – que, juntamente com outras pessoas, habita um antigo hotel de Macau em vias de ser destruído para dar lugar a um edifício moderno. A mudança acelerada do espaço, impulsionada pelo desenvolvimento económico, é um dos temas que o cineasta português quer ver retratado. O elenco conta ainda com Rhydian Vaughan, um actor taiwanês de ascendência britânica.

GONÇALO LOBO PINHEIRO

Lojas na zona de lazer Anim'arte em concurso público

O Governo lançou um concurso público para o arredamento de seis espaços na zona de lazer Anim'Arte NAM VAN. De acordo com o plano de utilização, os seis espaços incluem quatro lojas culturais e criativas e dois restaurantes. O período de arrendamento é de 48 meses e o prazo para entrega das propostas é até 13 de Abril. Localizado na Praça do Lago Nam Van, o Anim'Arte abriu oficialmente ao público em Junho de 2016, disponibilizando um café, gaivotas a pedal, lojas culturais e criativas, uma feira de artesanato aos fins-de-semana, bem como exposições e espectáculos. De acordo com as autoridades, "desde a sua abertura, várias entidades culturais e criativas estabeleceram aí lojas, com o local a servir como plataforma de exibição e venda para mais de 180 entidades e profissionais das indústrias culturais e criativas, atraindo grande número de residentes e visitantes".

Mais turistas passam feriados do Ano Novo Chinês em Macau

Entre 27 de Janeiro e 2 de Fevereiro, entraram em Macau 660 mil turistas provenientes do interior da China, ou 70,9 por cento do total dos visitantes, num aumento de 13,8 por cento em relação a 2016. Os visitantes de Hong Kong totalizaram perto de 200 mil entradas, num aumento de cinco por cento. Já o número de turistas oriundos de Taiwan registou uma quebra de 15,9 por cento, com 20 mil turistas. O mercado internacional desceu três por cento, em comparação com igual período no ano passado, com 50 mil entradas, de acordo com os dados da Direcção dos Serviços de Turismo.

NÚMEROS

MOP 22.991 MILHÕES
RECEITAS DOS CASINOS EM FEVEREIRO DE 2017
(+17,8%)

MOP 7,53 MILHÕES
COMÉRCIO EXTERNO DE MERCADORIAS DE MACAU EM JANEIRO DE 2017
(-2,6%)

Rui Martins preside reunião da AULP

A reunião do conselho de administração da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) decorreu na sede da associação, em Lisboa. Estiveram presentes dez instituições de ensino superior dos países de língua portuguesa e de Macau que ocupam os diversos órgãos sociais. A reunião foi dirigida pela Universidade de Macau (UM), que ocupa a presidência da AULP, e que esteve representada por Rui Martins, vice-reitor do estabelecimento de ensino. Na ocasião foram debatidas as actividades realizadas no último semestre, foi feito um balanço do XXVI Encontro da AULP, realizado em Timor-Leste, e discutida a preparação do XXVII Encontro da AULP, que se vai realizar de 10 a 12 de Julho de 2017, em Campinas, Brasil. A AULP reúne mais de 140 universidades e instituições de ensino e investigação dos países da CPLP e Macau e tem como missão facilitar a comunicação entre os membros, em prol do desenvolvimento colectivo do ensino e da língua portuguesa no mundo.

ENCONTRADA EMPRESA GESTORA PARA A CINEMATECA PAIXÃO

Após um período de funcionamento experimental, a gestão da Cinemateca passou para as mãos da CUT Ltd., empresa que venceu o concurso público para operação do espaço nos próximos três anos. Segundo o director da empresa, Albert Chu, faz parte dos planos a projecção de filmes independentes, a organização de *workshops* e programas de residência cinematográfica. A partir de Abril, o espaço vai funcionar como um "cinema regular" com, pelo menos, uma sessão diária no período da noite.

UM ANO DO CENTRO DE PRODUTOS LUSÓFONOS

O Centro de Exposição dos Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa completou a 31 de Março um ano de actividade. A ocasião foi assinalada com várias actividades, desde sorteios até à oferta de produtos alimentares. O Centro de Exposição dos Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa está localizado no Centro Comercial da Praça do Tap Seac, também conhecido como Casa de Vidro.

GLP

Aulas de patuá enchem sala de aula em primeiro curso do género

As aulas de patuá são um projecto antigo do linguista Alan Baxter, antigo director do Departamento de Português da Universidade de Macau (2007-2011) e especialista em crioulos de base portuguesa, que no ano passado regressou a Macau para dirigir a Faculdade de Humanidades da Universidade de São José (USJ). O curso de patuá, que começou no início do ano, está aberto a todos, mas foi particularmente pensado para a comunidade macaense. A primeira turma conta com 16 alunos. "É importante [organizar estas aulas] porque não se fazem noutra instituição e acho importante a comunidade conhecer mais a realidade da sua língua tradicional, saber mais sobre a história, também sobre o funcionamento da língua, quais são as palavras que a integram e como é a gramática da língua", explicou Alan Baxter. O patuá, derivado do crioulo "kristang" de Malaca e que incorpora português e chinês, foi em tempos língua corrente da comunidade macaense, mas acabou por cair em desuso. Hoje, o dialecto é preservado essencialmente através do grupo de teatro Dóci Papiaçam di Macau, que encena uma peça por ano maioritariamente falada no crioulo.

MOP 57,51 MIL MILHÕES DE PATACAS

VOLUME DE NEGÓCIOS DO COMÉRCIO A RETALHO EM MACAU EM 2016

(-6,6%)

840 CASOS

DE CRIMINALIDADE VIOLENTA FORAM REGISTADOS EM 2016

(11,3%)

*** comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos**

Centro Histórico em exposição fotográfica em Lisboa

O património cultural de Macau, documentado em 100 fotografias de Chan Hin Io, é o tema principal da mostra "O Lugar onde o Património Mundial Brilha – Exposição Fotográfica do Centro Histórico de Macau", inaugurada em Março e patente até 31 de Maio no Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM), em Lisboa. A 23 de Junho a exposição muda-se para o Palácio Vila Flor, em Guimarães, onde ficará patente até 15 de Agosto. Fotógrafo reconhecido em Macau, Chan Hin Io dedicou os últimos anos a capturar os costumes da região, assim como as paisagens da cidade. Entre as suas obras contam-se Bairros de Macau: Fotografia Documental, Memórias dos Ofícios e Negócios Tradicionais de Macau e Vida em Macau 2012.

POPULAÇÃO DE MACAU DIMINUI PELA PRIMEIRA VEZ

A população de Macau diminuiu pela primeira vez desde 2009, contando, no final do ano passado, com 644.900 habitantes, menos 1900 do que em 2015, indicam dados oficiais divulgados. Segundo a Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, a primeira diminuição homóloga desde 2009 deveu-se principalmente à diminuição do universo de trabalhadores não residentes, que ainda assim perfazem mais de um quarto da população de Macau. Desde a criação da RAEM, em 1999, esta foi a segunda vez que a população caiu em termos anuais: em 2009 diminuiu 1,8 por cento, enquanto agora, em 2016, registou um recuo de 0,3 por cento.

PEQUIM MANTÉM APOSTA NA DIVERSIFICAÇÃO DA RAEM

O Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social, apresentado durante a quinta sessão da 12.ª Assembleia Popular Nacional, propõe que ao longo deste ano a RAEM continue a apostar numa diversificação económica moderada, com ênfase no Centro Mundial de Turismo e Lazer, na plataforma entre a China e os países de língua portuguesa, na indústria das exposições e convenções e no desenvolvimento dos serviços financeiros, criativos e comerciais. Segundo o anúncio feito durante as reuniões magnas de Pequim, que decorreram no início de Março, também haverá espaço para um aprofundamento na cooperação no âmbito dos acordos de comércio CEPA entre o Interior do País, Hong Kong e Macau.

ESTUDANTES DE LÍNGUAS COM FINANCIAMENTO FACILITADO

O Governo de Macau avançou, em Março, para um novo plano de apoio a estudantes locais que frequentem cursos de português, mandarim e inglês no estrangeiro, financiando os juros dos créditos concedidos aos alunos para tais fins. O Gabinete de Apoio ao Ensino Superior (GAES) é o órgão responsável pela avaliação e aprovação dos pedidos, em parceria com seis instituições bancárias da RAEM. Os estudantes podem pedir empréstimos para custear propinas, alojamento, encargos do dia-a-dia e ainda despesas de transporte.

Gabriel Tong assume funções como director da Faculdade de Direito da Universidade de Macau

Gabriel Tong é, desde Fevereiro, o novo director da Faculdade de Direito da Universidade de Macau (UM), depois de mais de meio ano como director interino. Na lista de prioridades, está a colaboração com universidades portuguesas e a continuidade da licenciatura bilingue, criada em 2015/2016. No entanto, as regras para a deslocação a Portugal por parte dos alunos como parte da sua formação em língua portuguesa sofreu alterações. Agora, os alunos terão de frequentar cursos ministrados pelo Departamento de Português da UM e, mediante os resultados e a fluência na língua, poderão então receber apoios financeiros para um intercâmbio em universidades portuguesas. Neste momento, há 20 estudantes da UM a estudar Direito em Portugal.

中國－葡語國家經貿合作及人才信息網

Portal para a Cooperação na Área Económica, Comercial e de Recursos Humanos entre a China e os Países de Língua Portuguesa

一個經貿人才信息**共享平台**・共創中國及葡語系國家市場商機

Uma Plataforma de Partilha de Informação Económica e Comercial e de Recursos Humanos, juntando esforços na criação de oportunidades de negócio nos mercados da China e dos Países de Língua Portuguesa

中葡經貿合作會展中心
Centro de Convenções e Exposições para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa

葡語國家食品集散中心網上貿易平台
Plataforma de Comércio Electrónico Online para o Centro de Distribuição de Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa

中葡中小企業商貿服務中心
Centro de Serviços Comerciais para as Pequenas e Médias Empresas da China e dos Países de Língua Portuguesa

主辦單位
Entidades Organizadoras

中華人民共和國商務部
Ministério do Comércio da República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司
Secretaria para a Economia e Finanças da RAEM

承辦單位
Entidade Coordenadora

澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

“O parceiro estratégico de Angola chama-se China”

Manuel Arnaldo de Sousa Calado fala de um “sonho”: da construção de uma “Cidade Universitária da Saúde” em Angola, que integre um hospital e uma escola para a formação de todo pessoal ligado àquele estabelecimento de saúde. E para que isso aconteça, o presidente da Câmara de Comércio Angola-China (CAC) acredita que Pequim é o parceiro natural para dar forma ao projecto. “A única janela que está realmente aberta para Angola chama-se China”, sublinha o responsável numa entrevista à MACAU. Fundada há um ano, a CAC pretende ser uma plataforma de interacção entre empresários angolanos e chineses. Macau, nota, poderá ser a “rampa de lançamento”

T CATARINA DOMINGUES

A Câmara de Comércio Angola-China, fundada há um ano, veio substituir a antiga Associação de Amizade da Câmara de Comércio Angola-China. O que levou à criação desta nova câmara?
Primeiro é mais abrangente e a sua criação teve em conta o momento actual das relações interempresas. A Associação de Amizade era uma associação de povos, entre o povo chinês e o povo angolano, mais política. Esta é uma associação de negócios, uma câmara onde estão integradas empresas e empresários angolanos e chineses.

Qual é o objectivo principal da CAC?
O objectivo principal é funcionar como uma plataforma de aproximação e, sobretudo, de interacção entre empresários e investidores chineses, empresários e empreendedores angolanos. Funciona como uma plataforma, uma sala de casamentos entre essas duas entidades.

Que resultados foram alcançados neste primeiro ano?
Muito bons resultados. Quando iniciámos, começámos com um grupo de mais ou menos dez empresas chinesas e, neste momento, para além daquelas que são as nossas empresas sócias e que trabalham connosco directa e indirectamente

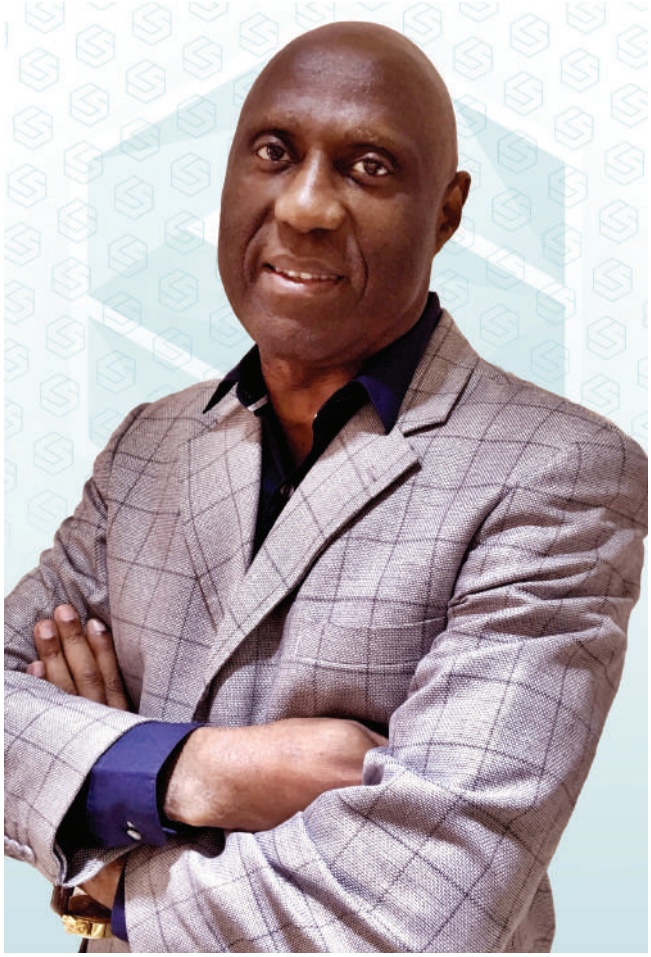
para fazer negócios, já passam das 200 empresas. Significa que temos tentado minimizar a distância que existia entre empresários chineses e empresários angolanos.

A direcção é composta por 27 empresários angolanos e chineses. Macau está representado nesta câmara?
Penso que sim, não consigo dizer exactamente de que região é cada empresa que aqui está, mas sinto que estão todas as regiões chinesas representadas. Sim, há também alguns empresários chineses de origem de Macau, embora não na quantidade que eu gostaria.

Que papel é que Macau poderá ter aqui?
Exerci funções públicas e nestas funções visitei Macau várias vezes. Gosto muito de Macau e penso que poderia ser a nossa rampa de lançamento. E porquê? Porque Macau tem na sua história a língua portuguesa e, portanto, facilitaria muito o contacto entre os empresários angolanos e chineses. Dali que eu reputo de grande importância uma relação directa entre os empresários chineses de Macau com os empresários angolanos. Estamos a trabalhar nesse sentido. Gostaria muito mesmo de ver os empresários de Macau, tal como todos os empresários de todas as províncias da China, em Angola. Penso que a China pode ser – deve ser e vai ser – a alavanca que vai levar Angola ao patamar de desenvolvimento. Por isso, eu peço directamente aos empresários de Macau para não hesitarem em contactar-nos para facilitar a sua entrada no investimento que nós precisamos. As únicas coisas que aqui são proibidas são aquelas que são proibidas em todo o mundo. Tudo o resto, todos os negócios estão abertos em Angola, portanto qualquer dificuldade que os interessados tenham em contactar, não contactem qualquer figura. Temos aqui uma câmara, composta por angolanos e chineses, que se reúne praticamente todos os dias. Estamos a levar o assunto muito a sério. Um investidor aqui é tratado como uma pessoa de grande respeito e não pode correr risco algum. Ajudamos a tratar dos vistos e de outras formalidades. É preciso não entrar por uma porta qualquer, é entrar por esta porta e teremos sucesso de certeza. Angola precisa, nós precisamos.

Fala-se muito do investimento da China em Angola. E de Angola na China?
Ainda é uma intenção. Há já alguns [investimentos] tímidos, existem alguns escritórios. Na verdade ainda não temos a tradição de fazer investimentos fora de Angola; limitamo-nos a relações comerciais. Onde os angolanos compram quase tudo o que se usa em Angola é na China. Estamos ainda nessa relação, mas evidentemente estamos a trabalhar nisso, não no sentido de equilibrar, mas de pelo menos os angolanos poderem investir. Não há nada que nos impeça, nem na legislação chinesa, nem na nossa.

Em que áreas é que os chineses e angolanos podem investir em parceria em Angola?
Neste momento é muito difícil dizer quais são as áreas. Angola é um país muito novo e tudo está ainda em aberto. Todos os negócios estão em aberto. Neste momento se vier aqui um empresário que só sabe fazer bandeirinhas, vai fazer um grande negócio. Não vale a pena dizer aos empresários chineses que a área para investir em Angola é esta ou aquela, porque estaríamos a enganar as pessoas. Neste momento Angola está absolutamente aberta a qualquer tipo de negócio e de investimento dentro das normas e das leis.



Manuel Arnaldo de Sousa Calado, ex-presidente do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Diamantes de Angola (Endiama), lidera a nova Câmara de Comércio Angola-China

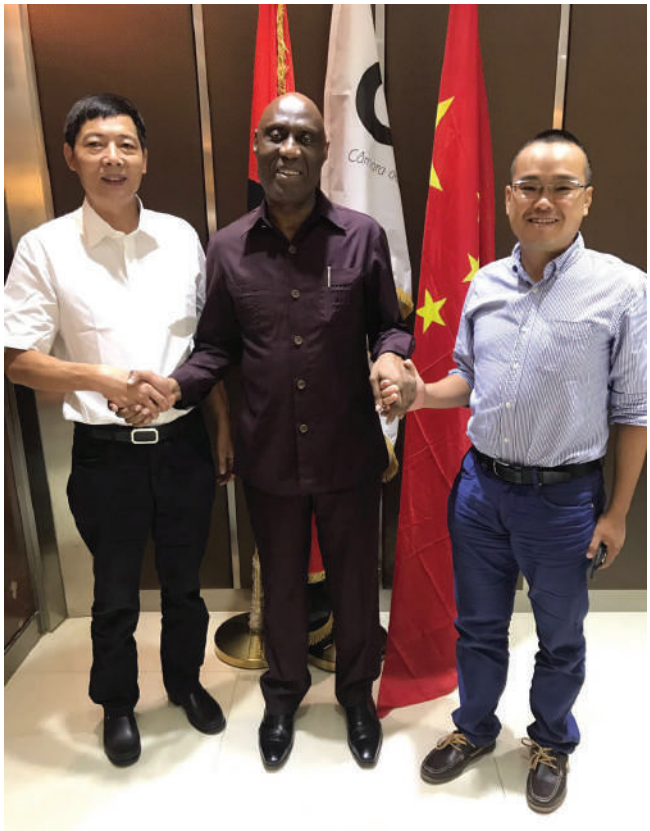
A agricultura é uma área de forte cooperação.
É uma das áreas onde há muita cooperação, ou seja, pelo menos

é uma das áreas em que os angolanos apostam muito. Todo o mundo aposta na área da agricultura, mas temos também a área da construção civil, educação, saúde, transportes. Na qualidade em que me encontro, não seria bom destacar uma só área. Eu quero ver os chineses, sobretudo de Macau, envolvidos nesta plataforma. Muito do que temos e do que dizemos que temos vem do tempo colonial. Pensamos que estamos bem, mas quando vem aqui um chinês e nos dá ideias novas, nós vemos que afinal o que tínhamos já está obsoleto.

Quem é o investidor chinês em Angola?
Neste momento estão centenas de empresas em Angola. Temos aqui empresas grandes, mas ainda assim não cobrem as necessidades que Angola tem neste momento.

Quais são as maiores dificuldades dos empresários chineses em entrar em Angola?

"Neste momento, Angola está absolutamente aberta a qualquer tipo de negócio e de investimento dentro das normas e das leis"



Penso que será a rivalidade entre os empresários chineses. Os chineses que cá estão passam uma mensagem restritiva, de forma que aqueles que estão lá acabam por não vir. É isso que eu sinto. Aquele que não pode falar directamente connosco tem dificuldades em entrar.

A aposta no ensino da língua pode ajudar nesse contacto.
A aposta na língua é fundamental, mas eu continuo a dizer que não é um factor restritivo, ou seja, aqueles que não sabem a língua não devem deixar de vir por causa disso, porque já temos vários tradutores, temos estudantes com capacidade de tradução e esse não é um problema. O grande problema real é encontrar o caminho certo para os chineses. Nós, câmara, somos o caminho certo neste momento. Temos trabalhado com as entidades chinesas, com as autoridades angolanas e através das informações e dos serviços que temos prestado aos empresários chineses, tanto novos e como antigos, parece-me sinceramente que somos a plataforma e a porta certa para a entrada de investidores chineses em Angola.

Quando tomou posse como presidente da CAC referiu um plano estratégico com projectos ambiciosos. Que projectos são esses?
Projectos na área da educação, da construção de universidades e escolas, de construção de plataformas de saúde. E o que é que isso quer dizer? Termos um espaço onde se faz um hospital e esse hospital ser acoplado a uma escola ligada à saúde e onde se pode formar os catalogadores da saúde, os atendentes e contabilistas da saúde, onde se vão formar os farmacêuticos, químicos, funcionários de laboratório, analistas, enfermeiros, médicos, entre outros, ou seja, todas aquelas pessoas que trabalham num hospital são formados ali numa pequena cidade que se chama "Cidade Universitária de Saúde". Este é um dos meus principais sonhos. Depois, seria fazer um outro pólo ligado às engenharias de máquinas. Todas as pessoas que habitam naquele redor estariam ligadas só à formação de áreas do mundo das máquinas: fabricaríamos ali as máquinas, as pessoas estudariam e viveriam ali e, quando saíssem dali, seriam especialistas naquela matéria. São na verdade estes dois projectos aquilo a que eu chamo o meu plano estratégico. É um sonho pessoal que gostaria de transformar um dia em realidade. Pode ser que apareça um parceiro estrangeiro que esteja interessado.

Esse parceiro pode ser a China?
Não pode ser, tem de ser. Sou presidente da Câmara de Comércio Angola-China e, nessa qualidade, eu quero toda a abertura neste país para os investidores chineses, para os investidores de Macau e de todas as províncias chinesas. Eu lutarei para que os chineses se sintam bem aqui e tenham sucesso nos seus negócios. E o mesmo em relação aos angolanos na sua relação com os chineses.

E como se encontram neste momento as trocas comerciais entre os dois países?

"Hoje há uma compreensão muito grande da população angolana sobre quem são afinal os chineses, sobre a sua cultura, as diferenças naturais que existem, mas sobretudo os pontos comuns"

Como em todo o mundo, há problemas por causa da crise financeira. Mas com a nossa intervenção, temos vindo a minimizar esse tipo de constrangimento. Neste momento em que estou a falar consigo, estão aqui à minha frente vários empresários chineses que tinham problemas nos pagamentos das suas dívidas e a nossa intervenção facilitou os pagamentos. Ainda temos de trabalhar com as autoridades no sentido de minimizar esse tipo de impacto que houve, de facto, nas empresas chinesas. Temos tentado minimizar e vamos fazê-lo ainda mais.

A crise mundial abalou as trocas bilaterais...
Sem dúvida. Ainda assim, Angola tem a China como parceiro estratégico. O parceiro estratégico de Angola chama-se China e eu tenho dito que a única janela que está realmente aberta para Angola chama-se China e, por isso, tem de se continuar a ver um parceiro estratégico como irmão. Temos de facilitar para que os negócios tenham sucesso.

Acredita que o povo angolano conhece hoje melhor a China, a cultura e o povo chinês?
Com certeza. Na altura em que tomei posse, havia aqui problemas de compreensão mútua, havia quase uma campanha de incompreensão de ambas as partes. Sem falsas modéstias, e isto pode ser comprovado, desde que nós tomámos posse, há uma facilidade muito grande na obtenção de vistos, na entrada de empresários chineses, há maior facilidade de serem compreendidos nas instituições públicas. Mais importante, hoje há uma compreensão muito grande da população angolana sobre quem são afinal os chineses, sobre a sua cultura, as diferenças naturais que existem, mas sobretudo os pontos comuns entre chineses e angolanos. Hoje nota-se uma interacção muito grande entre angolanos e chineses, portanto isto quer dizer que estamos a caminho da compreensão. Já há uma grande compreensão e vamos continuar a trabalhar na melhoria dessa compreensão. ▪

COMÉRCIO SINO-LUSÓFONO VOLTA A CRESCER

As trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa recuperaram em Janeiro, aumentando 33,47 por cento em termos anuais homólogos para 8,21 mil milhões de dólares. Dados dos Serviços de Alfândega chineses indicam que a China comprou aos países de língua portuguesa bens avaliados em 5,26 mil milhões de dólares em Janeiro – mais 38,26 por cento – e vendeu produtos no valor de 2,95 mil milhões de dólares – mais 25,71 por cento face ao período homólogo do ano passado. Os dados relativos a janeiro revelam uma recuperação, depois de 2016 ter marcado o segundo ano consecutivo de declínio do comércio sino-lusófono (-7,72 por cento), após uma diminuição de 25,73 por cento em 2015 naquele que foi o primeiro recuo desde 2009. O Brasil manteve-se como o principal parceiro económico da China, com o volume das trocas comerciais bilaterais a cifrar-se em 5,59 mil milhões de dólares, valor que traduz um aumento de 26,69 por cento face a janeiro do ano passado.

PROJECTO NO BRASIL RECEBE FINANCIAMENTO DO FUNDO CHINA-PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

A empresa Canadian Solar recebeu um financiamento de 20 milhões de dólares do Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa. O apoio destina-se ao desenvolvimento de projectos no Brasil, incluindo o Pirapora I, no Estado de Minas Gerais. O parque solar Pirapora, com 191 megawatts pico, está em construção e deverá estar concluído no terceiro trimestre deste ano. De acordo com um comunicado da empresa, quando "estiver operacional, o projecto terá uma capacidade instalada para produzir 391,3 gigawatts hora de electricidade limpa por ano, o suficiente para abastecer 200 mil agregados familiares e evitar emissões de 228 mil toneladas de CO2". As operações da empresa canadiana no Brasil incluem ainda a construção de uma fábrica de painéis solares, com capacidade anual de 380 megawatts e outros projectos de energia solar. A Canadian Solar foi criada em 2001 e é uma empresa de produção de painéis solares e fornecedora de soluções de energia solar.

FÓRUM DE MACAU EM PEQUIM COM EMBAIXADORES LUSÓFONOS

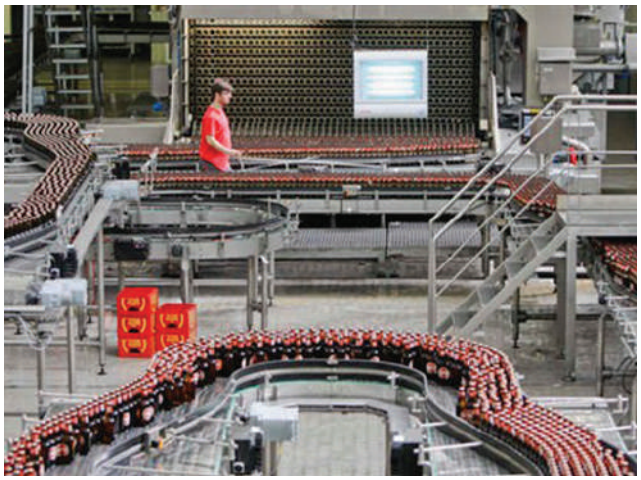
Uma delegação do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum de Macau) deslocou-se a Pequim entre os dias 26 de Fevereiro e 1 de Março de 2017, para encontros com os embaixadores de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste. A agenda de trabalho incluiu ainda visitas ao Ministério do Comércio da China e ao Conselho para a Promoção de Comércio Internacional da China. A secretária-geral do Fórum de Macau, Xu Yingzhen, apresentou os principais trabalhos do ano passado, os resultados da 5.ª Conferência Ministerial e os planos do Secretariado Permanente para este ano. A responsável agradeceu também o apoio manifestado ao longo dos anos pelos representantes dos países de língua portuguesa, pelo Ministério do Comércio da China, bem como de outras entidades.

EDPR VENDE ACTIVOS EÓLICOS À CHINA THREE GORGES

A portuguesa EDP Renováveis (EDPR), controlada maioritariamente pela EDP com 77,5 por cento, chegou a acordo com a China Three Gorges para a venda de uma participação em activos eólicos em Portugal, por 242 milhões de euros, segundo um comunicado enviado à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários de Portugal. A venda será feita pela EDP Renováveis ao ACE Fund (do grupo China Three Gorges) e diz respeito a uma "participação accionista representativa de 49 por cento do capital social e suprimentos relativos a um portefólio de activos eólicos por um preço global de 242 milhões de euros". O perímetro da transacção abrange 422 megawatts de tecnologia eólica, localizados em Portugal, com uma vida média de seis anos. "Estes activos são relativos ao projeto ENEOP e foram consolidados integralmente pela EDPR após a conclusão do processo de separação dos activos em 2015."

BRASILEIROS CRIAM MARCA DIRIGIDA AO CONSUMIDOR CHINÊS

Três empresários mineiros criaram a Carioca Coffee, uma marca de produtos processados, a pensar nos consumidores chineses e que será apenas vendida no continente asiático. Um dos sócios da empresa comercial Meeet, fundada em Xangai, revelou que se trata de "um novo conceito". Não é apenas um estabelecimento onde se bebe café, referiu. "A cafetaria funciona para dar confiança aos clientes sobre os produtos da Carioca e oferecer o 'Brazilian way of life', fazendo jus ao nosso slogan 'Let's Brazil!' A nossa empresa tem 100 por cento de capital brasileiro, sócios brasileiros, mas está registada na China, com todas as licenças válidas e aprovadas pela autoridade chinesa", acrescentou o responsável, que se associou aos empresários Luiz Fernando de Mello e Mário de Melo Botelho. Há um ano em operação, a Carioca Coffee tem quatro variedades de café torrado moído e em grão, que já chegam a 22 cidades do Interior do País. A ideia destes três mineiros é deixar os produtos chegarem ao consumidor através da maior rede de supermercados de produtos importados, lojas em grandes plataformas de comércio electrónico e redes de hotéis, restaurantes, entre outros.



CHINA ULTRAPASSA ANGOLA E TORNA-SE O MAIOR MERCADO EXTERNO DA PORTUGUESA UNICER

A China tornou-se em 2016 no principal mercado externo da empresa Unicer Bebidas de Portugal, segundo Rui Ferreira, presidente executivo da empresa. As vendas para Angola passaram dos 120 milhões de euros para apenas cinco milhões. Depois de uma aposta sem sucesso no mercado brasileiro e com Angola fora do baralho, a empresa portuguesa apostou nas exportações para outros destinos, que cresceram 20 por cento, principalmente à custa de África (mais seis por cento) e da Ásia, onde as vendas triplicaram. Os resultados da empresa no ano passado registaram uma queda de um por cento nas vendas globais, um aumento de três por cento no EBITDA (resultado antes de impostos e amortizações) e uma acentuada subida nos resultados líquidos, de 26 para 38 milhões de euros.

O hotel chinês de Maputo

T MARTA CURTO F JULIO DENGUCHO
EM MOÇAMBIQUE

É o maior hotel de Moçambique e distingue-se de todos os outros pela sua imponência. Inaugurado pelo presidente da República de Moçambique, o Maputo AFECC Gloria Hotel é um embaixador da cultura chinesa na capital moçambicana

Porteiro
Concierge

O HOTEL chinês. É assim que o Maputo AFECC Gloria Hotel é conhecido na capital moçambicana. Imponente e ocupando uma área de 90 mil metros quadrados, não há como não dar por ele na marginal, uma das zonas mais nobres e caras da cidade.

Embora não seja o primeiro do grupo AFECC a abrir em Moçambique, tendo já sido inaugurado um *aparthotel* na capital e um hotel na cidade da Beira, este é o empreendimento turístico chinês com mais destaque no país. E o maior hotel de Moçambique.

Considerado um cinco estrelas é, no meio dos demais hotéis com traça colonial portuguesa, um monumento de mármores e madeiras trabalhadas. Na verdade não há nada parecido com o Gloria em Moçambique e logo à entrada os mais incautos são esmagados pela imponência do *lobby*. Mármore branco e preto, colunas gigantes, balcões do primeiro andar que mais parecem varandas italianas. Lá dentro, um quase silêncio, um quase entrar noutro mundo longe da confusão dos mercados moçambicanos, dos carrinhos de mão empurrados em qualquer esquina, do trânsito infernal da marginal. Do barulho. Talvez seja a imensidão do espaço ou a música chinesa que serve de banda sonora à entrada majestosa, mas a verdade é que logo ali, à entrada, o mundo é um lugar calmo e organizado.

O hotel começou a ser construído em 2014, depois de assinado um acordo entre o governo de Moçambique e o grupo AFECC (sigla inglesa para Grupo de Construção Económica no Estrangeiro de Anhui) e faz parte do Centro de Exposições Internacionais Joaquim Chissano, também construído pelo grupo chinês, em 2003. O investimento total rondou os 300 milhões de dólares, o que faz do Gloria o maior complexo hoteleiro do país. O AFECC também foi já o responsável pela construção do novo aeroporto internacional de Maputo, o estádio nacional da Matola, ministérios do governo e está a recuperar estradas e pontes em todo o país.

O HOTEL COMEÇOU A SER CONSTRUÍDO EM 2014, DEPOIS DE ASSINADO UM ACORDO ENTRE O GOVERNO DE MOÇAMBIQUE E O GRUPO AFECC (SIGLA INGLESA PARA GRUPO DE CONSTRUÇÃO ECONÓMICA NO ESTRANGEIRO DE ANHUI) E FAZ PARTE DO CENTRO DE EXPOSIÇÕES INTERNACIONAIS JOAQUIM CHISSANO, TAMBÉM CONSTRUÍDO PELO GRUPO CHINÊS, EM 2003. O INVESTIMENTO TOTAL RONDOU OS 300 MILHÕES DE DÓLARES, O QUE FAZ DO GLORIA O MAIOR COMPLEXO HOTELEIRO DO PAÍS

Embora seja um hotel chinês em Maputo, a tradição e cultura milenar chinesa estão presentes sem qualquer tentativa de globalização da oferta. Atrás dos *concierges* aperaltados com se estivessem num hotel nova-iorquino – mais uma inovação que o Gloria veio trazer a Maputo – um altar budista é abençoado com a queima de incenso e oferta de fruta. Três almofadas no chão indiciam que ali se reza, e Daisy Shi, directora de Vendas e Marketing do hotel, afiança que os 28 funcionários chineses não se limitam a passar por ali todas as manhãs. Pelo contrário, rezam regularmente, pedindo paz, segurança e sorte.

Daisy está em Maputo há dez meses e irá ficar até completar a missão de dois anos. Fala inglês fluente e o sorriso aberto e a simpatia fazem dela uma relações públicas por excelência. "Quis vir para Maputo porque sabia que aqui ia aprender a trabalhar melhor, e queria ter mais experiência profissional antes de me casar", disse à MACAU. Tal como a maioria dos funcionários chineses que trabalha no Gloria, Daisy vem da província chinesa de Anhui, de onde o grupo hoteleiro é originário. Embora admita que gosta de viver em

佛

Consultório
Recepção

Caixa de recepção
Cashier

Maputo, não é ali que quer ficar. A China é a sua meta após o casamento.

De collants de vidro apesar dos 40 graus na rua, Daisy comanda o seu exército de 200 funcionários moçambicanos e 28 chineses de rádio na mão. Hesita em admitir que o hotel está com uma ocupação baixa, mas logo se justifica com o facto do hotel ser recente, e apronta-se a elogiar a prestação do restaurante chinês, com bastante sucesso.

Com 258 quartos, todos virados para o mar, o Maputo AFECC Gloria Hotel é um empreendimento arriscado na capital moçambicana, sobretudo numa época de crise. Ainda assim, as portas do hotel abriram em Outubro de 2016 com toda a pompa e circunstância que a presença do presidente da república de Moçambique, Filipe Nyusi, exigia. No fim da visita protocolar, o presidente disse que esperava que o hotel servisse para atrair mais investidores ao país. "Queremos urgentemente fazer mais, de forma célere e melhor. A nossa visão é que, até 2025, Moçambique passe a ser um destino turístico de eleição, mais exótico de África, famoso e atraente", disse na altura. Em resposta, Wang Lipei, o conselheiro económico da embaixada chinesa em Moçambique afiançou que "os empresários chineses têm confiança em Moçambique. Creio que haverá mais chineses a virem investir neste país e desenvolver Moçambique junto com o povo moçambicano". E por isso, não é com um sentimento de fracasso que Daisy fala nos quartos (ainda) vazios do hotel. Pelo contrário, o seu tom é de segurança num futuro promissor e próspero.

Futuro próspero

Ainda se ouve o som de obras em algumas alas do hotel. Brevemente está prevista a abertura de um restaurante de comida continental, uma sala de chá, uma discoteca, um casino e um centro comercial. Por enquanto, apenas o restaurante chinês serve almoços e jantares, e o buffet está reservado aos pequenos-almoços.

Embora o restaurante feche às 21h30, bastante cedo mesmo para Maputo

onde normalmente tudo fecha às 22h30 durante a semana, já atrai bastantes curiosos. Não é o primeiro restaurante chinês na cidade, mas é decerto o mais selecto. Para além da zona comum, tem 14 salas privadas e dois espaços de karaoke com capacidade para 50 e 60 pessoas, respectivamente.

Com gastronomia Hui, Yue e Chuan, o restaurante oferece mais uma experiência do que uma simples refeição. Os pratos vêm com fotografias no menu e têm nomes tão sedutores como Garoupa Deliciosa (ao vapor com molho de soja), ou Sopa Azeda e Picante (com chilli e tofu). Os habituais *spring rolls* lá estão, mais as massas chinesas e o arroz disto ou daquilo. Mas também algumas delícias de quem conhece a verdadeira cozinha chinesa como os *dumplings* e o pão ao vapor com recheio de ovo. Surpreendentemente, a maioria dos ingredientes é de origem local; apenas alguns mais selecionados têm de ser importados da China. "Escolhemos estes pratos típicos porque são os menos diferentes do que é o paladar moçambicano. Não vale a pena apresentarmos um prato muito picante que não será agradável para quem não está habituado", explica Sam Huang, o vice-director do hotel. Sam está em Moçambique há seis anos e trabalhou antes no *aparthotel* do grupo em Maputo. Mas fala pouco português e nada de inglês. Admite gostar muito de Moçambique, nomeadamente do clima, da comida, das pessoas, mas nem por isso traz a família para este país africano. "Estou aqui para trabalhar", diz, admitindo que vai à China uma vez por ano, normalmente no Ano Novo Chinês.

Cultura em massagens

O *spa* do hotel é também uma das melhores formas de apresentar a cultura asiática. Embora o espaço respire calma e tranquilidade, no menu não existem massagens delicadas. Wararat Boonthai e Ratanavalee Areesanan, de 21 e 31 anos respectivamente, são duas das quatro massagistas tailandesas do spa. O grupo chinês opta em todos os seus hotéis por profissionais da Tailândia, e Maputo não é excepção. Pés, cabeça, ombros, costas. Todas as massagens são feitas com força e os clientes saem dos gabinetes revitalizados e alongados. Ali ninguém faz festinhas com óleos. Massajam-se os músculos com energia e perícia. Tímidas mas sorridentes, as massagistas contaram à MACAU que vieram directamente de Chiang Mai para Maputo, seleccionadas por um responsável do grupo AFECC para vir para o Gloria. Na capital moçambicana, admitem ganhar mais e gostarem de aqui viver, apesar das saudades da família que não conseguem trazer.

Ambas chegaram à capital moçambicana em Outubro, na altura da inauguração do hotel, e ambas dizem não ter planos para regressar a casa.

Quem também agradece a oportunidade é Fernando Cherinda, de 29 anos. Hoje é responsável por toda a área da recepção, contando assim com 22 pessoas a seu cargo. E, quando se candidatou a uma vaga no hotel Gloria, a sua experiência em hotelaria era apenas ligada à área da restauração. "Realmente trabalhar com chineses é uma experiência muito diferente. A maioria das pessoas que aqui está não tinha experiência na área. Eu próprio não conhecia a recepção, mas era o que eu queria. Perguntaram-me quando me candidatei, e foi o que respondi: Recepção. Então aceitaram. Comecei apenas como recepcionista, mas viram o meu empenho e promoveram-me rapidamente. Mais do que o currículo penso que os chineses vêem a vontade e potencial das pessoas", admite Fernando, de sorriso rasgado.

Sam Huang recorda a formação do pessoal como um processo poliglota. "Vieram especialistas em recursos humanos do grupo, e esses falavam inglês. Encontramos pessoas que fizessem a tradução e assim se dava a formação", conta a sorrir.

O fim da visita faz-se pela suite presidencial que custa mais de 3000 dólares por noite, e estende-se por salas,

Com gastronomia Hui, Yue e Chuan, o restaurante oferece mais uma experiência do que uma simples refeição. Os pratos vêm com fotografias no menu e têm nomes tão sedutores como Garoupa Deliciosa (ao vapor com molho de soja), ou Sopa Azeda e Picante (com chilli e tofu)

escritório, quarto e casas de banho. Imponente talvez seja uma descrição humilde da suite. Enormes móveis brancos lacados criam os espaços de luxo até agora vazios. Lá em baixo, a marginal continua movimentada. O plano futuro, quando a crise económica abrandar, é de reabilitar toda a marginal. Estão ali previstos hotéis, condomínios, restaurantes e zonas de lazer. Mas, mesmo nessa altura, dificilmente o hotel chinês passará despercebido. ■

Ir ao Brasil para descobrir a origem de Macau

T JOÃO PAULO MENESES

Há uma cidade no Brasil chamada Macau, inspirada na Macau do Sul da China. Mito? Ou será o contrário? No Brasil há quem acredite que sim

"O NOME Macau é uma corruptela da palavra chinesa *A--ma-ngao*, que significa 'Abrigo ou Porto de A-má', deusa dos navegantes, o que terminou em Amacau ou Macau. Na verdade, o nome é uma alusão à pequena cidade da China, possessão lusitana, que fica na província de Cantão e tinha uma imensa influência no comércio do Extremo-Oriente, num mundo onde Portugal tinha uma política de expansão desde o século XVI, sendo o município citado, uma província lusitana ultramarina", pode ler-se no site da Prefeitura de Macau, município de 788 quilómetros quadrados e cerca de 31 mil habitantes, localizado no Estado do Rio Grande do Norte, e apresentado como "o único município do Brasil a possuir nome no idioma chinês".

Além da desactualização histórica, há outra coisa que impressiona neste pequeno texto oficial: apesar de não haver documentos que o provem ou desmintam, é esta a versão que vinga junto das autoridades da cidade situada na foz do Rio Piranhas. Mas está longe de ser a única, como veremos.

Em todos os documentos oficiais, consta a informação de que Macau-RN (como é designada, numa alusão ao Estado a que pertence) nasceu sob inspiração da Macau situada no Sul da China. A bandeira do município, aliás, é a prova mais evidente disso mesmo, pelo que as outras versões que vão coexistindo sobre a origem do nome obrigariam a reescrever a história – o que em Macau-RN poucos parecem interessados em fazer. A jornalista local Regina Barros lamenta que "não haja nenhum investimento no resgate e preservação da memória local".

Vista aérea da cidade de Macau, no Estado brasileiro do Rio Grande do Norte

Apesar da história da Macau brasileira ter apenas cerca de 200 anos, não existem ou não foram descobertos até agora documentos que suportem qualquer uma das possibilidades. É aliás uma história cheia de lacunas por preencher. Os descendentes dos fundadores e os pescadores que aí viviam foram obrigados a procurar outro destino, que acabou por ser a Ilha de Macau. Mas sobre a ilha original sabe-se também pouco, como mostra um livro publicado este ano, *Ilha de Manoel Gonçalves: vida e morte*. João Felipe da Trindade investigou a origem da ilha, mas evitou meter-se na polémica do nome, como confessou à MACAU. "No livro, não discuto a

GONÇALO LOBO PINHEIRO

questão do nome Macau. Não tenho maiores conhecimentos ou informações para defender uma ideia ou outra."

Uma explicação que veio de Macau

É atribuído ao antropólogo e historiador Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) o primeiro esforço para compreender um nome que já "aparece em documentos do século XVIII", mais concretamente 1797, segundo Cascudo, num texto intitulado "O município de nome chinês".

Aí Cascudo conta que escreveu a D. José da Costa Nunes (1880-1976), bispo de Macau entre 1920 e 1953, para saber "o que quer dizer Macau" e que foi o "deão Manuel Patrício Mendes, vigário-geral e governador da Diocese," quem lhe respondeu, explicando que "Macau é uma contracção de *Ama-goa* ou *Ama-kao*, valendo 'porto de A-má', 'abrigo de A-má'," e que "A-má é a deusa Neong-ma, protectora dos navegantes, dizendo-se comummente 'Má' ou 'A-má'." "Do Macau chinês, porto da deusa Má, senhora dos navegantes, nos veio da denominação para o nosso Macau salineiro e acolhedor", conclui Luís da Câmara Cascudo, no que se veio a tornar a versão oficial sobre a origem do nome da cidade que vive essencialmente da indústria da extração do sal.

"A versão que liga o nosso topónimo ao topónimo chinês foi propagada pelo mestre Luís da Câmara Cascudo através da revista *Bodas de Ouro da Ordenação Sacerdotal de Monsenhor Joaquim Honório da Silveira*, de 1952, e no seu livro *Nomes da Terra*, de 1968," conta o escritor Getúlio Moura Xavier.

Como se percebe, a fundamentação é pouco mais do que dedutiva. Existiam semelhanças geográficas entre as duas localidades (um istmo a separar a antiga ilha, habitada por pescadores), mas para que o porto do Sul da China tivesse inspirado a denominação no Norte do Brasil seria necessário que algum dos fundadores de Macau-RN tivesse esta-

O PRIMEIRO ENCONTRO 'FORMAL'

Alguns macaenses residentes no Brasil visitaram nos últimos anos Macau-RN, mas a viagem feita por Rogério P. D. Luz, autor do blogue "Crónicas Macaenses", pode ser considerado o momento mais formal.

Este macaense a residir em São Paulo esteve em 2013 na cidade e encontrou-se com o prefeito. Daí surgiu um convite para que Kerginaldo Pinto visitasse a Casa de Macau em São Paulo, o que aconteceu.

O autarca macauense prometeu nessa altura intensificar o conhecimento mútuo, convidando o coro da Casa para actuar na cidade e surgiu também a hipótese de realizar uma exposição sobre a cidade situada no Sul da China, mas nada disso se concretizou. A prisão de Kerginaldo em 2015, sob acusação de fraude, não terá ajudado.

À MACAU, Rogério Luz confessa algum desânimo. Mas "pelo menos, fiquei com sentimento de missão cumprida, pois levei um abraço macaense, nem que tenha sido um abraço solitário, mas fiz conhecer essa Macau brasileira à toda nossa comunidade.

Escreve Luís da Câmara Cascudo:

DUAS ACTAS SOBRE MACAU

A ILHA DE MANUEL GONÇALVES

Atraente como um mistério, diziam os antigos. A Ilha de Manuel Gonçalves, na foz do rio Assú, tem esse privilégio. Ninguem esquece a terra povoada de salineiros e pescadores, com ruas e capelinhas, festas votivas a Nossa Senhora da Conceição, amores, esperanças, comercio, trabalho organizado, derruida, polegada a polegada pelas ondas, varrida pelas marés de sizigia, mastigada lentamente, devorada pelo mar.

Hoje as canôas e barcas passam onde se erguiam os telhados. Através das aguas claras, transparentes na luz tropical, vêm-se as sombras dos escombros, dormindo no fundo azul do abismo.

Tem nome do sesmeiro que a possuia no seculo XVIII. Diversas referencias, especialmente orais, fixam reminiscencias. Foi o primeiro nucleo de concentração demografica. Quando começou a descer, assaltada pelas enchentes, a população se foi transferindo para o lugar denominado Macau, ainda deserto em 1797.

Frei Vidal, missionário capuchinho, em 1811 chantara o Cruzeiro monumental, três metros de alto, extremidades em flôr de liz. Em 1825 esse Cruzeiro fôra transportado para Macau, com as levas iniciais dos moradores, abandonando a ilha condenada pelo mar.

A Ilha de Manuel Gonçalves possuiu Mesa de Arrecadação em 1836, Juizado de Paz e Subdelegacia de Policia. Augusto Fausto de Souza ("Fortificações do Brasil") informa que chegara a ter um Fortim ou Bateria. No documentário que conheço ha menção na barra do Amargoso ou Assú.

Quando a Ilha desapareceu? Não houve um cataclismo, maremoto devastando, nalgumas horas, todas as vidas e sacudindo a ilha para as areias abismais. Não se repetiu a estoria miraculosa da Atlantida. Deu-se uma invasão demorada, diária visivel, infiltradora. Os moradores foram procurando outro pouso. E Macau ia nascendo na morte vagarosa da Ilha que se desmanchava nas espumas do preamar.

Em oficio de 17 de janeiro de 1845, o Chefe de Policia do Rio Grande do Norte, dr. João Paulo de Miranda, sugeria ao Presidente da Provincia, Brigadeiro Venceslau de Oliveira Belo, tio materno do Duque de Caxias, que suprimisse a Subdelegacia policial na Ilha de Manuel Gonçalves, por se achar **quasi deserta e proxima a ser coberta pelo mar, bastando que tenha um Inspetor de Quarteirão enquanto de todo o mar não fizer desaparecer a ilha.**

No mesmo janeiro de 1945, o Presidente aceitava a sugestão, incorporando o territorio ao Distrito da Povoação de Macau, como fizera em 1843 com o Juizado de Paz e em 1941 com a Mesa de Rendas.

A Ilha continuou vivendo nos mapas e portulanos. Vive na carta de Villiers d'Ile Adam, de 1848, no Roteiro de José Saturnino da Costa Pereira, em 1848, no Dicionario de Millet de Saint Adolphe, em 1854. O Roteiro de Souza Aguiar, em 1857, anuncia a vitoria do mar... foi esta ilha desmoronada até que deixou de existir.

Tive a alegria de interessar o comandante Eugenio de Castro no assunto. Escreveu um ensaio lindo, onde a erudição e o encanto se equilibram, publicado na revista do nosso Instituto Histórico, vol. XXXII-XXXIV, 1940, p. 153. E' definitivo para a bibliografia na especie.

Nas lendas, a Ilha de Manuel Gonçalves revive iluminada de assombros, emergida do oceano, cheia de vida misteriosa, acima do Passado e da Morte...

O MUNICIPIO DE NOME CHINÊS

Macau é o único municipio, do Rio Grande do Norte e no Brasil, a possuir nome no idioma chinês.

A possessão portuguesa no Oriente, a mais antiga colonia europeia na China, a 40 milhas de Hongkong, fica aderente por um istmo de 50 braças de largo à ilha de Hanchan ou Heong Shan (Montes Odoriferos), distrito da imensa provincia de Kuangtung.

Que quer dizer Macáu?

Escrevi a dom José da Costa Nunes, Bispo de Macau, mas o prelado estava ausente, em visita ad sacra limina. Respondeu-me o deão Manuel Patricio Mendes, vigario geral e governador da Diocese, enviando, gentilmente, sua opinião e um ensaio completo na especie.

Macau é uma contração de **Ama-goa** ou **Ama-kao**, valendo "porto de Ama", "abrigo de Ama". Ama é a deusa Neong-ma, protetora dos navegantes, dizendo-se comumente "Ma" por "Ama".

Contam que uma vez uma moça desconhecida pediu aos negociantes de Fu-Kien que a transportassem para o sul. Nenhum a quiz aceitar nos barcos, exceto um pobre barqueiro que a embarcou no seu "junco". Partiram todos mas uma tempestade fez sossobrar todas as ricas embarcações, poupando apenas o "junco" em que a moça viajava por esmola. Atinge finalmente um porto de salvamento, guiado pela mão da misteriosa mocinha. Quando o "junco" toca em terra, a moça salta, agradece, sobe a uns rochedos e eleva-se para os céus. O dono do "Junco" reconheceu em sua salvadora a deusa Neong-Ma. A fama desse milagre, numa região de navegação e pesca, motivou a construção de um templo (pagode) chamado "Ma-Kok-Miu", à entrada da barra, em honra e louvor da deusa. Esse pagode é a origem da povoação de Macáu, fundada pelos portugueses, moradores já em 1555.

Do Macau chinês, porto da deusa Ma, senhora dos navegantes, nos veio a denominação para o nosso Macau salineiro e acolhedor.

Macáu aparece em documentos do século XVIII mas só os conheço nos fins da centuria.

Não mereceu as honras imediatas do povoamento por não ter agua. As ilhas do Lagamar e de Manuel Gonçalves, hoje desaparecida, constituiram os nucleos demograficos iniciais.

E quando Macau começou a povoar-se? Deve ter sido nos primeiros anos do seculo XIX.

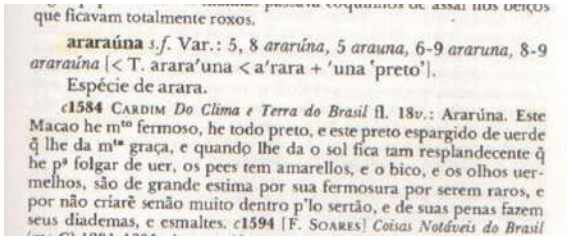
Num interessante documento que Nestor Lima divulgou (rev. Ins. His. R. G. N. XXXV-XXXVII, 215) informa-se: — **A ilha denominada Macau com uma legua de Leste a Oeste, meia de Norte ao Sul, não é avitada (habitada) e nem serve para crear por não ter agua.**

Infelizmente o documento não revela origem nem data. Posso, entretanto, deduzir que é posterior a fevereiro de 1781, porque o coronel Cristovão da Rocha Pita, dado como falecido, estava naquela data bem vivo e requerendo sesmarias.

No arquivo da Companhia Comercio e Navegação em Macau, o dr. Francisco Menescal mostrou-me uma escritura de venda, de 13 de maio de 1797, onde se alude **ao lugar chamado Macau**, ainda deserto.

Fôra Macau procurado pelos moradores da ilha de Manuel Gonçalves quando esta principiou a abater-se, destruida pelo mar. Os habitantes da insula iam-na abandonando na proporção que se dava a invasão maritima. Naturalmente o exodo não se deu de maneira coletiva. Saiam familias aos poucos, edificando casinhas na terra firme que era Macáu. Em 1811, se fama est **veritas**, ainda Frei Vidal, capuchinho, chantava um grande Cruzeiro, na ilha assaltada pelas aguas vivas. Este Cruzeiro, trazido para Macau em 1825, está na Matriz local, onde o visitei em dezembro de 1935.

Nesse 1825 parece ter tido Macau um surto de desenvolvimento. João Martins Ferreira, seu filho e quatro genros, pioneiros na fixação social, construiram a casa comercial, escrevendo na fachada, 1825 A legislação provincial continuou citando a ilha de Manuel Gonçalves quando esta já estaria inteiramente despovoada. A lei 28, de 5 de novembro de 1836 mandava criar uma Mesa de Arrecadação na Ilha de Manuel Gonçalves ou Macau, alternativa que denuncia a crescente importancia da povoação. O orçamento para 1844-45 mostra que a Meza de Arrecadação se instalou em Macau. Assim começou a viver e prosperar o municipio ilustre que tem nome chinês.


que ficavam totalmente roxos.

araraúna *s.f.* Var.: 5, 8 *ararúna*, 5 *arauna*, 6-9 *araruna*, 8-9 *araraúna* [< T. arara'una < a'rara + 'una 'preto'].

Espécie de arara.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 18*v*.: Ararúna. Este Macao he m^to^ fermoso, he todo preto, e este preto espargido de uerde q̃ lhe da m^tas^ graça, e quando lhe da o sol fica tam resplandecente q̃ he p^a^ folgar de uer, os pees tem amarellos, e o bico, e os olhos uermelhos, são de grande estima por sua fermosura por serem raros, e por não criarẽ senão muito dentro p'lo sertão, e de suas penas fazem seus diademas, e esmaltes. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil*

Há várias versões que tentam explicar a origem da Macau brasileira: a Macau chinesa, a arara vermelha conhecida como Macao, ou ainda a Macau francesa

do em Macau. E disso não há provas. Sabe-se que no grupo inicial estavam os portugueses Martins Ferreira e seus genros Antônio Joaquim de Souza, Manoel Antônio Fernandes, José Joaquim Fernandes, Manoel Fernandes e o brasileiro João Garcia Valadão, o João da Hora, mas não há registo de que qualquer um deles tenha viajado para Oriente.

Ainda assim, o médico e historiador Amaury Bezerra escreveu que "como a maioria dos primeiros habitantes da região era de origem portuguesa e muitos tiveram passagem por Macau, viram certa semelhança geográfica entre as regiões e assim baptizaram a localidade".

Araras ou influência francesa?

O historiador Olavo de Medeiros Filho (1934) terá sido o primeiro a contestar a versão de Cascudo, em 2003. Mas o antigo director do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte acabou por não desenvolver a ideia de que Macau-RN se inspirou na arara vermelha, conhecida como Macao.

A tese teve acolhimento no livro *Um Rio Grande e Macau* (2005), do macauense Getúlio Moura Xavier. "Sem querer provocar polémica ou muito menos desmerecer a grandeza do professor Câmara Cascudo, considero como mais acertado os vestígios históricos da arara vermelha no vale do rio Açu, que tem o nome científico 'Ara macao', assim identificada pelos jesuítas. Os ingleses trocaram apenas 'o' por 'w' para chamá-la 'macaw'. Luís da Câmara Cascudo aventou a ligação, mas não informou a existência de evidências históricas, de semelhanças geográficas ou de qualquer ordem que possibilitassem fazer a ligação do nosso topónimo ao nome chinês, em sua origem", afirma Xavier.

O MITO DO CARRO DO GRANDE PRÉMIO

Conta-se em Macau-RN que um carro que iria competir no Grande Prémio de Macau terá sido despachado da Europa para Macau e foi parar à cidade do Rio Grande do Norte. Tudo porque, no documento da alfândega, não se dizia "Macau-China", mas apenas Macau. Mito ou realidade, a história não foi confirmada por João Costa Antunes, contactado pela MACAU. Em Macau-RN também não é fácil encontrar responsáveis políticos de assinalável longevidade, já Kerginaldo Pinto não foi o único prefeito macauense a ser preso na última década.

No seu blogue "Baú de Macau", Getúlio Moura Xavier junta uma citação de um livro português de 1584 (*Do Clima e Terra do Brasil*) em que se diz: "Este Macao he muito hermoso, he todo preto e este preto espargido de uerde que lhe dá muita graça". As araras vermelhas habitariam a região do Vale do Açu e eram chamadas, pelos indígenas, de "Macaw." Este autor tem usado o mapa-múndi de Cantino, de 1502 (Biblioteca Estense, Modena, Itália), onde "figuram três araras macau no nordeste das terras do futuro Brasil, onde as naus europeias chegaram, entre o final do século XV e início do século XVI", de forma a reforçar a tese.

Daí que Getúlio considere que "há 40 anos, as autoridades da Macau brasileira desfilaram pelas suas ruas exibindo o brasão da Macau chinesa como se fosse seu, uma situação lastimável e até deprimente aos olhos de hoje. Este brasão ampliado num painel, utilizado no referido desfile, encontra-se no museu da cidade salineira". O escritor constata ainda que "na bandeira da Macau brasileira consta a expressão 'A-Ma-Ngao', do antigo povoado chinês, adoptada pela cidade brasileira por desconhecimento de outra versão que definisse o seu topónimo, além da versão de Câmara Cascudo, sem uma pesquisa mais acurada, nem antes nem depois de 1975, até o lançamento do livro *Um Rio Grande e Macau*, em 2005".

Mais recentemente, em 2012, surgiu uma terceira hipótese, desta vez relacionada com uma localidade francesa, que também se designa Macau, situada a 30 quilómetros de Bordéus. A tese ainda não foi estudada suficientemente, mas aponta-se a semelhança geográfica com a Macau francesa e a etimologia das palavras que lhe terão dado origem: *malum cavum* (lugar perigoso) ter-se-ia contraído com *macallus* (fossa), o que resultaria num lugar de difícil navegação, devido aos bancos de areia e correntes fortes, junto ao rio Garona. Fátima Paulet, uma macauense que vive em França, tem sido a principal animadora desta versão, reforçada pelo facto de haver navegadores franceses na região brasileira nos séculos XVI e XVII, como tem lembrado Getúlio Xavier. "Consideramos importante aprofundar a pesquisa sobre o tema, agora com três hipóteses", diz. "Por enquanto a Macau brasileira faz homenagem a Macau chinesa", conclui Getúlio Moura Xavier. "Com as evidências encontradas, a história parece se inverter. A Macau chinesa, possivelmente, presta homenagem a Macau brasileira, ao tratar da origem do nome Macau." ■

A Macau francesa, localizada próxima a Bordéus, tem cerca de 3500 habitantes e vive sobretudo da produção vinícola

TRÊS CONTINENTES, TRÊS MACAUS

MACAU (CHINA)

Macau situa-se na margem ocidental do Delta do Rio das Pérolas, adjacente à cidade chinesa de Zhuhai, na Província de Guangdong, no sul da República Popular da China, e a cerca de 60 quilómetros de Hong Kong. Os portugueses estabeleceram-se no território em meados do século XVI. Hoje a economia está assente no turismo e no jogo.

ÁREA
30,4 km²

POPULAÇÃO
646.000 habitantes

DENSIDADE POPULACIONAL
21.000 habitantes/km²

ALTITUDE MÁXIMA
172m

TEMPERATURA MÉDIA
23ºC

GENTÍLICO
Natural de Macau

MACAU (BRASIL)

O município de Macau faz parte do Estado brasileiro do Rio Grande do Norte e fica a 175km de Natal. A cidade foi fundada em 1875 e tem hoje a sua economia assente na produção de sal marinho, petróleo e peixe (é um dos maiores produtores brasileiros de sardinha). O seu Carnaval é um dos eventos mais conhecidos da região.

ÁREA
788 km²

POPULAÇÃO
31.600 habitantes

DENSIDADE POPULACIONAL
40 habitantes/km²

ALTITUDE MÁXIMA
7m

TEMPERATURA MÉDIA
27ºC

GENTÍLICO
Macauense

MACAU (FRANÇA)

A comuna de Macau está situada no departamento da Girondia (região de Aquitaine), em França, e fica a 20 quilómetros de Bordéus. Vestígios de estradas romanas na região indicam que a povoação existe desde o século VIII, mas sofreu uma grande destruição no século seguinte. A economia é sobretudo ligada à produção vinícola de Haut-Médoc (origem controlada).

ÁREA
20km²

POPULAÇÃO
3400 habitantes

DENSIDADE POPULACIONAL
167 habitantes/km²

ALTITUDE MÁXIMA
26m

TEMPERATURA MÉDIA
15ºC

NATURALIDADE DOS HABITANTES
Macaudais

王	张	刘	陈	杨	赵	黄	周
Wang	zhang	Liu	Chen	Yang	Zhao	Huang	Zhou
孙	胡	朱	高	林	何	郭	马
Sun	Hu	Zhu	Gao	Ling	He	Guo	Ma
宋	郑	谢	韩	唐	冯	于	董
Song	Zheng	Xie	Han	Tang	Feng	Yu	Dong
曹	袁	邓	许	傅	沈	曾	彭
Cao	Yuan	Deng	Xu	Fu	Shen	Zeng	Peng
卢	蒋	蔡	贾	丁	魏	薛	叶
Lu	Jiang	Cai	Jia	Ding	Wei	Xue	Ye
潘	杜	戴	夏	钟	汪	田	任
Pan	Du	Dai	Xia	Zhong	Wang	Tian	Ren
方	石	姚	谭	廖	邹	熊	金
Fang	Shi	Yao	Tan	Liao	Zou	Xiong	Jin
孔	白	崔	康	毛	邱	秦	江
Kong	Bai	Cui	Kang	Mao	Qiu	Qing	Jiang
侯	邵	孟	龙	万	段	章	钱
Hou	Shao	Meng	Long	Wan	Duan	Zhang	Qian
黎	易	常	武	乔	贺	赖	龚
Li	Yi	Chang	Wu	Qiao	He	Lai	Gong

Sobre(os)nomes

Quando há várias décadas famílias migrantes chinesas partiram para Macau à procura de novas oportunidades, deixaram tudo para trás. Tudo menos o nome. Unidos pelos mesmos apelidos, estes homens e mulheres acreditam que podem ser sangue do mesmo sangue e descendentes de figuras centrais da história da China, como o filósofo taoista Zhuang Zi ou o almirante chinês que conquistou Taiwan, Shi Lang. Em Macau criaram associações que reúnem pessoas com o mesmo apelido

T CATARINA DOMINGUES
F TIAGO ALCÂNTARA

OUVEM-SE PEDRAS de *mahjong* a bater no tampo da mesa de jogo. O dia mal começou, as pecinhas brancas circulam sonoras sem interrupção e quatro jogadores fecham-se sobre a mesa, como se não dessem pela nossa presença. Um calendário de parede diz que estamos a 9 de Novembro de 2016, é quarta-feira, luzes brancas e frias iluminam o espaço e quadros gigantes de fundo amarelo com fotografias tipo passe dão forma a complexos organogramas da direcção da Associação do Clã Si de Macau. Nas imagens, os homens, em clara maioria, aparecem de gravata vermelha; elas vestem uma camisa branca. Todos, sem excepção, têm o mesmo apelido: Si (Shi em mandarim).

Subimos ao primeiro andar, onde nos encontramos com o empresário Si Siu Fung, presidente desta associação. Caixotes por abrir e quadros pousados no chão conferem ao espaço um carácter quase efémero, embora uma das imagens colocadas na parede nos faça parar por momentos no tempo: entre as quatro figuras históricas desenhadas, encontra-se Shi Lang, o almirante que serviu as dinastias Ming e Qing e a quem é atribuída a conquista de Taiwan no início da década de 1680. Diz-se que Mazu, deusa dos mares e originária de Fujian (conhecida como A-Má em Macau, onde também é adorada) apareceu a Shi Lang, abençoando-o nesta conquista.

A-Má é, por isso, venerada pelo clã Si. Shi Lang ocupa igualmente um espaço quase sagrado nesta pequena sala e na história de cada membro desta associação. "Se olhar para a nossa genealogia, então pode ver que muitos deles [membros] são parentes de sangue, embora existam diferentes linhagens. Pode ser que nas gerações anteriores, os antepassados tenham sido primos, mas a maioria descende destes quatro homens que pode ver na imagem". Si Siu Fung vira-se para o quadro. Shi Lang tem um chapéu cónico, uma túnica escura de gola redonda; ao alto está também Lu Hui Gong,

A Associação do Clã Si de Macau, com representações em vários países, foi fundada localmente em 1994 pelo empresário Si Wai Wai. Em Macau, onde vivem cerca de 4000 membros com este sobrenome, o grupo reúne sobretudo chineses originários de Fujian, que chegaram à cidade nas últimas décadas do século passado à procura de melhores condições de vida

considerado o primeiro antepassado do clã Si [ver caixa].

Reunir os Si

De novo à mesa de *mahjong*. Choi Suk Ngai deixou a Província de Fujian em 1985 com o marido, que é quem carrega o apelido Si. Na associação, faz trabalho de voluntariado, vai passando os dias. "Jogamos a dinheiro, fazemos pequenas apostas, umas cinco patacas", resume Choi, sem nunca se perder do jogo. O presidente da organização mantém-se ao nosso lado, acompanha a conversa e vai completando as curtas respostas da jogadora. "Quando formámos a nossa associação, todas as pessoas de apelido Si se juntaram e, apesar de não sermos parentes directos, temos os mesmos antepassados", nota ainda Si Siu Fung.

A Associação do Clã Si de Macau, com representações em vários países, foi fundada localmente em 1994 pelo empresário Si Wai Wai. Em Macau, onde vivem cerca de 4000 membros com este sobrenome, o grupo reúne sobretudo chineses originários de Fujian, que chegaram à cidade nas últimas décadas do século passado à procura de melhores condições de vida.

Si Siu Fung refere que o objectivo principal da organização é permitir que as pessoas do mesmo clã "se relacionem, olhem umas pelas outras" e que "participem em diferentes actividades sociais". Do Governo, recebem anualmente cerca de 100 mil patacas – a ala jovem recebe outras 50 mil – mas o grosso dos fundos vem dos próprios membros e de uma associação de caridade que entretanto foi criada. "A nossa missão é amar a nossa pátria, amar Macau e utilizamos esta plataforma para trabalhar com o Governo, com a nossa terra natal e para ajudar as pessoas a diferentes níveis, como na área da educação", refere o responsável, sublinhando que a associação se tem tornado "muito influente em Macau", tendo entre os membros "políticos, funcionários públicos, advogados, médicos e professores". Um grupo pequeno pertence também ao colégio que elege o Chefe do Executivo de Macau.

Culto dos antepassados

A tradição chinesa do culto dos antepassados fez com que, mesmo ao lado da associação, os membros do clã erguessem em 2011 um templo ancestral. No local presta-se homenagem a todas as linhagens Si. "Em Macau só o clã Ho e o nosso clã têm um templo ancestral", refere Si Siu Fung.

Quem entra, vê logo à esquerda o andor talhado a ouro utilizado na principal procissão do clã em honra à deusa A-Má; nas paredes de mármore contam-se momentos desta grande família: a chegada do almirante Shi Lang a Taiwan está lá, discípulos de Confúcio que pertencem ao clã Si também; 24 desenhos narram histórias sobre a piedade filial, conceito confuciano que tem por base o respeito pelos pais e antepassados. Si Siu Fung prossegue a explicação: "Temos uma expressão chinesa que diz que 'a piedade filial é a mais importante de todas as virtudes' e, por isso, tratamos os nossos antepassados e os nossos pais com respeito e esperamos que os nossos filhos nos possam respeitar

Si Siu Fung, presidente da Associação do Clã Si de Macau

O PRIMEIRO SI/SHI

Diz-se que a primeira pessoa deste clã foi Lu Hui Gong (768 a.C.-723 a.C.), 13.º governador do Estado de Lu, estado vassalo da Dinastia Zhou. Lu deu ao filho o nome de Shi Fu e, por isso, o governador é considerado hoje o primeiro antepassado deste clã. O Estado de Lu, onde hoje se situa a Província de Shandong, é tido como berço do apelido Si/Shi. De realçar ainda que Shi Bo e Shi Zhichang, dois dos discípulos de Confúcio, também eram oriundos desta mesma região. Shi Bo era filho de Shi Fu e neto do governador Lu Hui Gong. Com o tempo, os Si/Shi acabaram por se espalhar por outras regiões chinesas, como Zhejiang, Henan, Jiangsu e Anhui. Até à Dinastia Tang já tinham chegado a Fujian e na Dinastia Song ocupavam sobretudo as províncias de Guangdong e Fujian. Este é um dos apelidos mais importantes nestas regiões.

também. Este templo é uma forma de preservar na memória todos os nossos antepassados".

Si Nang Paang, vice-secretário geral desta associação acompanha a visita guiada. Diz que estas associações devem preservar um "lado espiritual", que, aliás, foi durante muito tempo desencorajado no Interior da China. "Aconteceu na fundação da República Popular da China em que, por razões políticas, não era permitida a existência deste tipo de associações ou qualquer coisa que estivesse relacionada com a tradição." A construção de um templo ancestral, salienta ainda Si Nang Paang, "estaria muito ligada a um lado supersticioso e espiritual, que as autoridades de então queriam desencorajar".

Por essa mesma razão, várias organizações do género, incluindo a Associação do Clã Si, foram estabelecidas primeiramente em Taiwan.

Orgulho de um clã

Visitamos Si Ka Lon, filho de Si Wai Wai, fundador da Associação do Clã Si de Macau. No escritório do empresário, na zona norte da península, cadeirões escuros, estilo chinês, combinam com as escrituras budistas penduradas nas paredes verdes. "Transmitem-me calma", diz o jovem empresário de 39 anos. A um canto está ainda um quadro com quatro caracteres desenhados a tinta-da-China: lê-se 谦虚谨慎 (*qianxu jinshen*), expressão chinesa que, numa tradução livre, significa modéstia, prudência, humildade e cautela. Si Ka Lon serve-nos uma taça de chá verde, retoma a explicação: "A pintura é de um calígrafo famoso, foi o meu pai que me ofereceu e não me deixa esquecer como devo olhar a vida".

Si Ka Lon personifica o membro comum desta associação. Nasceu em Jinjiang, sul de Fujian, mudou-se com os pais, os dois irmãos e a avó para Macau no início dos anos 1980. Viveram primeiro entre um grupo de 20 pessoas, habitaram uma casa de madeira até se mudarem para um apartamento de dois quartos. "O Interior da China não tinha muitos recursos e as pessoas compravam bens em Macau para vender para lá. Foi assim que começámos a ter um melhor nível de vida e com as poupanças montámos o nosso negócio."

À semelhança desta família, outras pessoas da mesma região foram-se instalando em Macau. Quando Si Ka Lon chegou à cidade, "já aqui viviam umas centenas de pessoas com este apelido", recorda o empresário contando que foi este grupo de migrantes de Fujian que esteve à frente da fundação de várias organizações daquela região em Macau, como é o caso da Associação dos Conterrâneos de Jinjiang, a primeira a ser criada, a Associação Geral dos Conterrâneos de Fujian e a Associação do Clã Si em Macau. Estas duas últimas fundadas por Si Wai Wai.

Si Ka Lon, que desde pequeno acompanhava o pai nos trabalhos associativos, vale-se de Confúcio para descrever o objectivo final deste tipo de associações. "Confúcio disse que devemos, em primeiro lugar, aperfeiçoarmo-nos, depois administrar a nossa família e governar o nosso Estado, sendo que esta é a única forma de trazer justiça e virtude ao mundo. Por isso digo que nós temos de gerir o nosso clã de forma a

O PRIMEIRO CHONG (ZHUANG) E IM (YAN)

Manuscritos antigos referem que as primeiras pessoas de nome Chong/Zhuang eram descendentes do Rei Zhuang do Estado de Chu, Dinastia Zhou, que morreu no ano de 591 a.C. A origem do nome Im/Yan remonta à Era dos Estados Combatentes ao Estado de Yan, sendo o soldado coreano Im Seoi (Yan Sui, em mandarim) um dos seus descendentes. Outra das origens deste apelido está relacionada com a proibição do uso do nome Chong – tratava-se do nome de um imperador – que fez com que muitas pessoas mudassem o nome para Im. Posteriormente, durante as dinastias Wei e Jin, muitos daqueles que se chamavam Im voltaram a trocar para Chong. Os Chong espalharam-se ao longo da história pelas províncias de Guangdong, Fujian, Jiangsu e ainda por Taiwan. Já os Im migraram para as províncias de Jiangsu, Sichuan, Hubei e Guangdong. Estes homens acreditam que são descendentes de figuras importantes da história da China, como o Rei Zhuang, o filósofo Zhuang Zi, o escritor e académico Yan Fu, o calígrafo Zhuang Yunkuan e o empresário de Hong Kong Zhuang Shiping.

Membros da direcção da Associação dos Indivíduos de Apelido de Chong e Im

apoiarmo-nos uns aos outros e contribuir para a sociedade."

Os Chong (Zhuang) e os Im (Yan)

No Bairro do Iao Hon visitamos a Associação dos Indivíduos de Apelido de Chong e Im (em mandarim diz-se Zhuang e Yan). Entramos por um centro comercial antigo, sinais de decadência não afastam a clientela dos pequenos negócios do rés-do-chão, que são cabeleireiros, são estabelecimentos de comidas e bebidas. Caminhos escuros levam-nos até ao primeiro andar, é aí que se encontra a sede da Associação dos Indivíduos de Apelido de Chong e Im, onde um grupo de homens e mulheres já está à nossa espera. O presidente aparece de fato escuro, camisa listrada, e a vice-presidente traz ao pescoço um lenço comprido, o cabelo parece ter sido arranjado com laca.

Sentamo-nos numa mesa longa, temos livros à nossa frente, são obras que contam a história da associação ou de Zhuang Zi, o filósofo chinês do século IV a.C. que está ligado a estas pessoas pelo apelido. Ao longo da entrevista, duas câmaras fotográficas vão estar sempre em movimento, a nossa e a da associação.

Ao contrário do grupo que reúne membros do clã Si, esta organização junta pessoas de dois apelidos diferentes: Chong e Im. O presidente Chong Cing Jyun explica: "Na China havia o 'tabu do nome' contra a utilização do nome próprio do imperador e dos seus antepassados. Com o imperador Ming de Han (28d.C – 75d.C), que se chamava Lau Chong (Liu Zhuang, em mandarim), pessoas com o nome Chong tiveram de mudar e muitos escolheram Im". Por esta razão, realça ainda o responsável, diz-se que aqueles chamados de Chong e Im têm os mesmos antepassados, assim como historiadores apontam que os chineses que se chamam Im vieram de famílias que tinham o apelido Chong.

Só em Macau vivem cerca de 3000 pessoas com estes dois sobrenomes e no mundo o número poderá atingir os 20 milhões, aponta ainda o responsável.

Chong Lai Va, vice-presidente da Associação dos Indivíduos de Apelido de Chong e Im

Aqueles chamados de Chong e Im têm os mesmos antepassados, assim como historiadores apontam que os chineses que se chamam Im vieram de famílias que tinham o apelido Chong. Só em Macau vivem cerca de 3000 pessoas com estes dois sobrenomes e no mundo o número poderá atingir os 20 milhões

Chong Lai Wa, vice-presidente da organização, é também fundadora da associação local das mulheres de Fujian. Nascida em Jinjiang, na Província de Fujian, chegou a Macau em 1982 e tem-se dedicado a "servir a população", nomeadamente na "protecção dos direitos das mulheres e das crianças", trabalho pelo qual foi agraciada em 2015 pelo Governo da RAEM com a Medalha de Serviços Comunitários.

A responsável realça a importância de juntar em Macau aqueles que carregam o mesmo apelido. São "sangue do mesmo sangue", diz. "Se não estivéssemos ligados pelo sangue, formaríamos outro tipo de associação, como as associações de conterrâneos, mas a verdade é que as pessoas que pertencem ao mesmo clã são muito mais próximas porque estão ligadas pelo mesmo sangue."

A Associação dos Indivíduos de Apelido de Chong e Im, que foi fundada em 2005 por Chong Man Coi, também é subsidiada pelo Governo de Macau. "Todos os anos recebemos entre 80 mil e 100 mil patacas, mas este ano deverão ser 70 mil porque a economia tem estado em baixo", revela Chong Cing Jyun, salientando ainda que, de três em três anos, a associação participa numa conferência internacional que junta membros deste clã espalhados por todo o mundo. No ano passado, realizou-se em Macau.

Desde tempos imemoriais

Símbolo de nobreza e prestígio, a força do apelido na China destronou imperadores, uniu clãs e ultrapassou fronteiras. Tamanha importância tiveram também as associações de pessoas com o mesmo sobrenome que se destacaram durante períodos conturbados no país e no ultramar

MUITOS DOS documentos sobre a complexa história dos apelidos chineses desapareceram durante a Revolução Cultural (1966-1976), quando templos ancestrais foram saqueados e registos genealógicos queimados.

Sabe-se, porém, que a tradição dos apelidos chineses remonta aos tempos pré-imperiais. Muitos apelidos tiveram origem há 5000 anos e foram passando de geração em geração. As origens são diversas: nomes de locais ou reinados, cargos oficiais antigos, profissões, entre outros.

O texto clássico *Os Cem Nomes de Famílias*, escrito no século X durante a Dinastia Song do Norte, contempla perto de 500 apelidos comuns na China. Os nomes são revelados neste documento em forma de poema para facilitar a

O texto clássico *Os Cem Nomes de Famílias*, escrito no século X durante a Dinastia Song do Norte, contempla perto de 500 apelidos comuns na China. Os nomes são revelados neste documento em forma de poema para facilitar a memorização por parte das crianças

memorização por parte das crianças. De realçar ainda que os apelidos das associações que a MACAU visitou – Si/Shi, Im/Yan e Chong/Zhuang – constam neste documento.

Estatísticas revelam que hoje em dia o número de sobrenomes é bastante superior, mas que cerca de 100 serão utilizados pela maioria da população. Os nomes mais comuns na China são Wang, Li e Zhang (Wong, Lei e Cheong em cantonês) e são utilizados por cerca de 300 milhões de pessoas, fazendo deles igualmente os mais utilizados no mundo.

Mas e qual é a relevância dos apelidos na China? Ao longo da história do país, os sobrenomes desempenharam sempre um papel importante na sociedade: foram símbolos de nobreza, prestígio, legitimação do poder político e permitiam viajar até muito lá atrás para conhecer os antepassados. O imperador Cao Pi, por exemplo, forçou a renúncia do último imperador da Dinastia Han, declarando ser descendente do Imperador Amarelo.

Com a generalização dos apelidos entre a população, estes serviram também como forma de promoção da solidariedade: clãs estabeleceram escolas para ensinar os filhos, apoiaram famílias desfavorecidas e promoveram a estabilidade social.

Chong Cing Jyun, presidente da Associação dos Indivíduos de Apelido de Chong e Im em Macau, explica que a criação das associações de clãs era também uma forma dos membros manterem o contacto: "Se fossem organizados festivais, celebrações ou funerais, as pessoas do mesmo clã saberiam disso através da associação".

Este tipo de organizações assumiu também um papel importante durante períodos conturbados da história do país e no ultramar, como em Macau, Hong Kong, Indonésia e Singapura. "É aí que têm uma força muito grande, são essas associações que fazem a primeira república, é aí que Sun Yat-sen vai buscar dinheiro", explica João Guedes, jornalista e historiador de Macau.

Ao longo da história da China, os sobrenomes desempenharam sempre um papel importante na sociedade: foram símbolos de nobreza, prestígio, legitimação do poder político e permitiam viajar até muito lá atrás para conhecer os antepassados

João Guedes, investigador e jornalista

Vincent Ho, historiador

Com a subida de Mao Zedong ao poder, estes grupos, cuja actividade já era limitada na China, são "completamente ilegalizados, vivendo na clandestinidade". Só mais tarde, "com a abertura de Deng Xiaoping, é que as pessoas voltam a associar-se um pouco mais à luz do dia", remata João Guedes.

Na actualidade, são várias as associações de clãs que se mantêm no activo, apesar do interesse das camadas mais jovens ter vindo a decrescer, nota o historiador Vincent Ho à MACAU. "Os mais jovens deixaram de integrar as associações desde os anos 1970, ganhando interesse por uma nova forma de clubes ou sociedades."

Vincent Ho considera que, em geral, todas estas associações "apoiam a República Popular da China". "Pode dizer-se que são muito discretas e que já não estão verdadeiramente activas. Já nem encontramos mais publicações sobre estes grupos e, mesmo em Hong Kong, não há muita investigação a ser feita em relação ao tema." ■

150 ANOS DO NASCIMENTO DO POETA

Ressuscitar Camilo Pessanha

T CATARINA DOMINGUES F GONÇALO LOBO PINHEIRO

A obra poética de Camilo Pessanha transcendeu os muros de Macau, elevou a pequena cidade à universalidade, consagrou-a em *Clepsidra*. Para Pessanha tudo era frágil e efémero. 150 anos após o seu nascimento, será também assim a memória que a cidade tem deste homem?

MACAU, TRAVESSA da Misericórdia. Quando se entra em casa de Ana Maria Jorge é impossível não procurar Camilo. Nos objectos, nas paredes tom bege, cantos da pequena sala, móveis repletos de luz natural. Procura-se qualquer coisa que nos leve ao poeta, no cheiro até. Mas nada, só uma brisa que anuncia a Primavera, aroma do café que Ana Maria serve pela tarde e que vem acompanhado de bolo de chocolate, receita de um amigo da família. «Foi o meu amigo José Cabral que fez, sabe quem é?», pergunta o filho, Victor Jorge. «Ah, sim, Cabral», assente a mãe.

Nesta casa, Camilo Pessanha, bisavô de Ana Maria, trisavô de Victor Jorge, não tem lugar nas molduras, que revelam outros homens e mulheres bem vestidos, penteados, cabelos negros, olhos de quem nasceu com Portugal e China no sangue. Ana Maria teve em tempos fotografias do bisavô – numa aparecia de bengala ao pé do mar ao lado de Arminho, o cão de estimação – mas jornalistas que por cá passaram, levaram-nas, não devolveram. Ana Maria tem 84 anos, não se lembra quem eram.

Ana Maria estica as vogais e as palavras para falar do bisavô Pessanha, e assim acentua as suas ideias. "Era um homem muuuuito forte, muuuuuito inteligente", nota. "Forte no estudo", acrescenta

Camilo Pessanha morreu há 91 anos, foi ele que fez dos Pessanha uma família macaense. Da origem do poeta e da família de Coimbra, onde nasceu, Ana Maria nada sabe. Conta que há muitos anos, 20 talvez, a mãe recebeu em casa "um tenente de óculos e muito parecido com o Pessanha". "Quem era?", pergunta agora o filho, como se estivesse a ouvir a história pela primeira vez. "Não sei, dizia ter o apelido Pessanha, depois foi embora", responde.

Ana Maria já pouco sai de casa, movimenta-se com a ajuda de uma bengala de quatro pontas, mas arranjou-se para nos receber. As unhas, tons rosa, combinam com a camisola, destoam das fotografias a preto e branco. É a familiar com vida mais próxima do poeta, pelo menos em Macau, depois vêm os trinetos: dos 11, dois morreram, cinco vivem cá, quatro estão fora, e representam, mesmo sem saberem, a universalidade do trisavô. "Noni e Zé estão na Figueira da Foz; o António na América; a Maria no Canadá", diz. E quando volta ao bisavô, estica as vogais e as palavras para falar dele, assim acentua ideias. "Era um homem muuuuito forte, muuuuuito inteligente", nota. "Forte no estudo", acrescenta.

"A minha mãe é que contou a história de Camilo Pessanha", vai referir mais do que uma vez. A mãe, Maria do Espírito Santo Manhão, neta do poeta, morreu em 1996, 70 anos depois do avô Camilo. E Ana Maria volta sempre à mãe, porque só por ela sabe quem foi o bisavô. A mãe, conta, também voltou em espírito quando esteve internada com uma "doença de nervos". Aqui Victor Jorge volta à conversa: "Isso é efeito do medicamento". E logo se vira para mim: "A minha mãe viu espíritos, a minha avó também, até a minha mulher, mas eu nunca vi espíritos", depois bate com a mão na mesa. "Não diga assim tão forte", avisa Ana Maria, para quem este é um assunto sério. É também por isso que enquanto estiver viva, a trasladação do corpo do bisavô Camilo para Portugal é um assunto encerrado. "Sou de Macau, tenho um pouco o pensamento chinês, não pode levantar o cadáver, não se pode mexer, pelo menos até eu morrer."

Descendentes em Macau

Foi por volta dos 30 anos que Victor Jorge, agora com 67, soube quem era o trisavô. "Estava a trabalhar e um colega pegou numa nota de 100 patacas que tinha a cara de Camilo Pessanha e disse [a outras pessoas]: este é o trisavô dele. Eu fiquei...[novamente sem palavras]". Victor admite sentir orgulho, "mas não aquele orgulho de ter a cabeça no alto", vinca o macaense.

Poeta, professor, advogado, juiz, Camilo Pessanha pertencia à maçonaria, era viciado em ópio. Victor Jorge pou-

co mais tem a acrescentar à vida do trisavô, de quem diz guardar duas biografias, uma edição de *Clepsidra* e o mesmo gosto pela colecção de antiguidades. "E por que razão o apelido Pessanha se perdeu na vossa família?", pergunto. É Ana Maria que vai explicar, conserva uma das mãos no topo da bengala, recua até ao avô João, filho de Camilo.

João Manuel Pessanha nasceu em 1896, fruto da relação do pai com Lei Ngoi Long, concubina que comprou a um corrector – o poeta viria a relacionar-se até ao fim da vida com a filha desta, conhecida como Águia de Prata. O filho de Camilo é criado por uma família chinesa, mantém com o pai uma ligação conflituosa. Antes de se casar, João relaciona-se com Francisca do Rosário do Espírito Santo e é desse encontro que nasce Maria do Espírito Santo Manhão, mãe de Ana Maria. "Sabe como chamávamos a isso? Filho atrás da porta", conta Ana Maria.

Numa entrevista que deu em 1990 ao investigador Daniel Pires, Maria do Espírito Santo conta que quando nasceu, o pai, João Pessanha, capitão da marinha mercante, fugiu para Cantão. "Tinha receio que o meu avô, quando voltasse de licença [estava em Portugal por motivos de saúde], lhe desse uma carga de porrada. A minha mãe era menor."

Maria do Espírito Santo conheceu o pai só depois de se casar, mas conviveu com o avô Camilo até aos 11 anos. "Ia todos os meses vê-lo e recebia uma mensalidade de 20 patacas. Era muito dinheiro na altura", referiu ainda a Daniel Pires. Também Ana Maria fala hoje do tempo que passou com João Pessanha. O avô vivia na Rua de São Domingos, centro da cidade, "numa casa muuuito graaande", lembra-se que fumava ópio, que tinha sido preso pelos japoneses, lembra-se também de João abraçado a um pepino grande – "porque era fresco e ele estava doente". Nessa casa vivia ainda a mulher Lok Ku, o filho dos dois, Camilo João de Almeida Pessanha, e a criada. Aninha, como era chamada pelo avô, com quem falava meio português, meio cantonês, trepava à goiabeira do quintal, brincava à volta do poço, andava entre as "louças" que João Pessanha vendia, ditava os preços a quem entrava.

Poeta fora das escolas

Alexandra Domingues abraça dois volumes antigos, são livros de sempre e vêm assinalados com marcadores: o primeiro e único número da *Centauro*, revista literária lançada em 1916, representativa do movimento modernista português com 15 poemas da autoria de Camilo Pessanha; e a *Clepsidra*, obra única do poeta, publicada em 1920 por Ana de Castro Osório, escritora e proprietária da Editora Lusitânia. A professora da Escola Portuguesa de Macau diz-se uma "mera transmissora" do que os poetas têm para dar, mas quem a ouve falar, reconhece veneração, dedicação ao poeta, expoente máximo do simbolismo em Portugal. Alexandra recua precisamente um século, a outra Era poética, a uma novidade metafórica, rítmica, abre a *Clepsidra* – "aquilo que ele oferece neste caderninho é retum-

Foi por volta dos 30 anos que Victor Jorge, agora com 67, soube quem era o trisavô. "Estava a trabalhar e um colega pegou numa nota de 100 patacas que tinha a cara de Camilo Pessanha e disse [a outras pessoas]: este é o trisavô dele. Eu fiquei... [novamente sem palavras]". Victor admite sentir orgulho, "mas não aquele orgulho de ter a cabeça no alto", vinca o macaense

bante", afirma. "O simbolismo oferece à poesia aquilo que é uma preocupação humana de sempre, a transitoriedade, e eu penso que Camilo é mestre em chamar-nos à atenção para esse factor", continua. "Nós não temos nada, o tempo é nada, o tempo encarrega-se de nos traduzir em pó."

Macau, diz a professora, está em *Clepsidra*, está aqui no poema "Viola Chinesa", que o poeta dedicou ao amigo Wenceslau de Moraes. Alexandra lê, interrompe para falar dos versos e com a mão direita segura a obra, a esquerda acompanha as imagens que se vêem, ouvem, sentem: a abulia do ser, o adormecimento, as ruas de Macau, a captação da viola, dos instrumentos, das arcadas. Se por um lado, esta cidade "vem acrescentar matéria a um homem de sensações", por outro, "ele sente Macau [como] uma província longínqua de Portugal, com um nível cultural muito aquém das suas expectativas", explica a docente. E não é difícil imaginá-la numa sala de aulas a falar de Camilo Pessanha. Agora, acontece com menos frequência, desde que o poeta deixou de integrar o currículo do ensino português. "É uma das grandes mágoas que tenho", lamenta.

Alexandra Domingues admite que, ainda assim, faz questão de levar Pessanha até à sala de aula, de fazer a relação do poeta com os jovens de *Orpheu*. Todos os anos, a um de Março, dia em que se assinala a morte do autor, leva também os alunos a Pessanha, numa "singela homenagem em nome da escola" no cemitério S. Miguel Arcanjo, onde está sepultado. Já o faz há cerca de 25 anos, umas vezes sozinha, outras na companhia dos alunos. "Declamamos alguns poemas, eu falo um pouco, no fundo é uma aula, não é nada lúgubre, nada funéreo." A professora admite que esta é uma

A professora da Escola Portuguesa Alexandra Domingues faz questão de levar Pessanha até à sala de aula, de fazer a relação do poeta com os jovens de *Orpheu*. Todos os anos, a um de Março, dia em que se assinala a morte do autor, leva também os alunos a Pessanha, numa "singela homenagem em nome da escola" no cemitério S. Miguel Arcanjo, onde está sepultado. Já o faz há cerca de 25 anos

forma de "desfiar o novelo", de despertar a curiosidade dos mais jovens para Pessanha. De outra forma, dificilmente se relacionariam com o poeta que, como diz Alexandra, ensinou Fernando Pessoa "que para falar do coração, não é preciso ter o coração nas mãos".

O paradigma cívico

Mas foi apenas há algumas décadas que se voltou a Camilo Pessanha. O investigador Daniel Pires, que trabalha há vários anos a obra e a biografia do autor, admite que em termos de popularidade, Pessanha esteve esquecido desde que morreu até finais dos anos 1980. Da parte de Macau pouco se fez, assume. Basta relembrar que, 40 anos após a morte de Pessanha, no auge da Revolução Cultural, em 1966, quando ocorreram tumultos em Macau – conhecidos por Movimento 1-2-3 – o edifício do Leal Senado foi invadido, a mobília destruída e numa secretária antiga foi encontrado o *Caderno Poético* de Camilo Pessanha, cujo rasto se perdera há vários anos. O caderno, constituído por poemas manuscritos, impressos com correcções à mão do escritor, tinha sido a base do poeta para *Clepsidra*. "Isso é uma coisa impressionante, é incrível e era um caderno poético que se sabia que existia, acho que Luís Gonzaga Gomes saberia de certeza, mas então isso estava ali, ninguém viu durante 40 anos?", interroga Daniel Pires.

O investigador refere que, "em termos de comunidade portuguesa, Camilo Pessanha era muito incómodo, não era uma pessoa que as pessoas fizessem força para recordar, a parte conservadora da comunidade não gostava dele, porque estava fora daqueles parâmetros". Também o prefácio que Pessanha preparou para a obra do médico José António Filipe de Morais Palha, *Esboço Crítico da Civilização Chinesa*, foi mal recebido pelo lado chinês. "Há na realidade uma parte da comunidade chinesa que vê aquilo como um ataque à China, o que não é, é um ataque ao regime que existia antes da implantação da república", considera o estudioso.

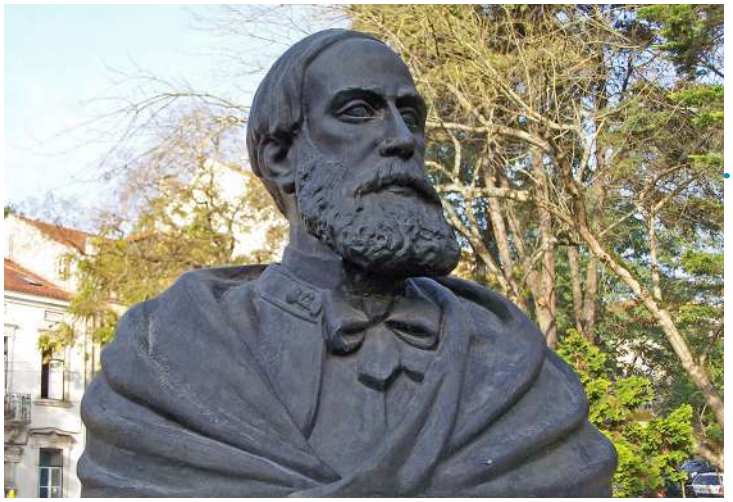
Daniel Pires, que trabalhou em Macau entre 1987 e 1990, é autor de várias obras sobre o poeta. Mais recentemente, lançou *Correspondência, dedicatórias e outros textos*, obra que reúne uma cronologia de 67 páginas, 19 cartas parcial ou integralmente inéditas do poeta e outras 59 difundidas por livros ou jornais de difícil acesso. No livro estão disponíveis cartas que escreveu a Ana de Castro Osório, a quem se confessou apaixonado, ou ao pai Francisco António de Almeida Pessanha. O investigador admite que em breve irá acrescentar novos dados sobre a vida escolar de Pessanha.

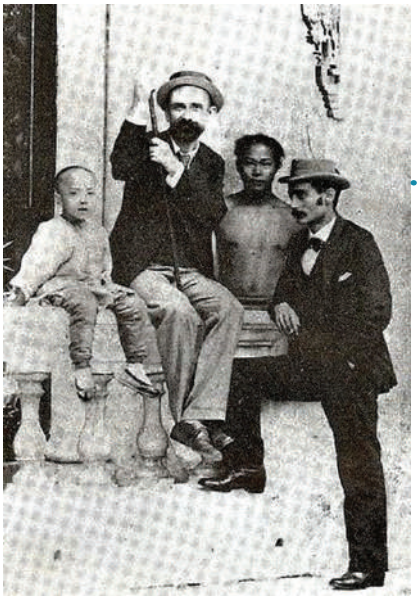
"Onde há uma grande lacuna é relativamente à família de Macau", comenta ainda. E esta lacuna poderá, segundo o investigador, ser resultado da relação entre Camilo Pessanha e a mãe de João Manuel Pessanha. "Nasce um pouco torta, era o que os portugueses faziam na altura, compravam concubinas, relacionavam-se assim porque tinham uma posição de destaque. Fez aquilo que os outros também fizeram, não foi pior nem melhor, acabavam por encontrar uma pessoa, mas muito à revelia dos afectos."

Alexandre Farto, conhecido como Vhils, inaugurou em Dezembro um mural com uma imagem de Camilo Pessanha esculpida no jardim do Consulado de Portugal em Macau

Na opinião deste investigador, tem sido feito pouco na divulgação do "paradigma cívico" que foi Pessanha. Além de poeta, ensaísta, sinólogo, foi também juiz, advogado, desenvolveu um trabalho importante no domínio dos direitos humanos. Era uma pessoa "muito recta e interventiva". Durante a investigação, Daniel Pires encontrou no Arquivo Histórico de Macau aquela que provavelmente será a maior prova disso mesmo: uma acta secreta do Governo de Macau, redigida em 1904, em que Camilo Pessanha se mostra contra a extradição de um alto dignitário chinês, Lam-Kua-Si, perseguido pelo vice-rei de Cantão. Todas as personalidades portuguesas convocadas a aconselhar o governador se colocaram a favor da extradição. Pessanha foi excepção. ■

Breve biografia da vida e obra de Camilo Pessanha





1867
Camilo de Almeida Pessanha nasce a 7 de Setembro em Coimbra, filho de Francisco de Almeida Pessanha e de Maria do Espírito Santo Duarte Nunes Pereira. É o mais velho de quatro irmãos.

1891
Conclui o curso de Direito em Coimbra.

1894
Embarca para Macau, reside na Hospedaria Hing-Ki, onde paga 40 patacas mensais. Lecciona Filosofia, exerce o cargo de secretário do Liceu, com um salário de 1050 patacas por mês.

1895
Compra a um corrector uma concubina, que se chama Lei Ngoi Long.

1896
No ano em que nasce o filho João Manuel de Almeida Pessanha, compõe "*Imagens que passais pela retina*". É-lhe diagnosticada uma astenia geral e parte para Portugal para tratamento.

1897
Regressa a Macau, onde se aproxima de Wenceslau de Moraes. Encontra-se bastante doente.

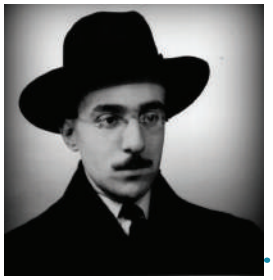
1898
Dedica o poema "Viola Chinesa" a Wenceslau de Moraes, que nesse ano se fixa no Japão. Colabora também com o jornal local *O Lusitano*.

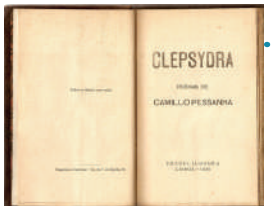
1899
É nomeado conservador do Registo Predial de Macau, mas não toma posse por incompatibilidade com o cargo que ocupa no Liceu. Regressa a Portugal.

1900
Compõe "Violoncelo" e "Desce em folhedos tenros a colina". Ao regressar a Macau, demite-se do cargo de professor do secundário, toma posse como conservador do Registo Predial com autorização do ministro da Marinha e Ultramar. Em Agosto perfilha João Manuel de Almeida Pessanha.

1904
Toma posse como Juiz de Direito Substituto de Macau. Os advogados Nolasco da Silva e Manuel da Silva Mendes acusam-no de desorganização no cumprimento das tarefas judiciais, incúria relativamente aos registos da Conservatória, ausência do local de trabalho, corrupção, entre outros, mas o processo é arquivado.

1905
Sofre de anemia, volta a Portugal para tratamento.





GLP

1909
Regressa a Macau, onde reassume o cargo de conservador do Registo Predial. Lecciona Economia Política e de Direito Comercial.

1910
Adopta Angélico como nome simbólico maçónico. Pertence à "Loja Luís de Camões".

1911
Fernando Pessoa confessa ter sido influenciado por Camilo Pessanha.

1912
Mário de Sá-Carneiro pede a Pessoa que lhe envie poemas de Camilo Pessanha "para mostrar ao Santa Rita os violoncelos do Pessanha e o soneto sobre a mãe – e mesmo mais algum se para isso estivesse".

1914
No *Progresso*, jornal de Macau, publica a tradução de oito elegias chinesas.

1915
Expõe a sua colecção de arte chinesa no Palácio do Governo. Em Setembro parte para Portugal e a pedido de Ana de Castro Osório, começa a estruturar a *Clepsidra*. Fernando Pessoa pede autorização para publicar alguns poemas no terceiro número da revista *Orpheu*, que acabará por nunca ser lançada.

1916
De Macau, escreve ao amigo Alberto Osório de Castro: "Desde que embarquei ainda não escrevi a ninguém. É este estado de abulia em que por longuíssimos períodos irresistivelmente me deixo cair, – e que consente trabalhar em processos, que me consente ler livros e estudar chino". Numa carta a Ana de Castro Osório considera Macau "um meio acanhadíssimo – mexeriqueiro e boçal – a todos os respeitos misérrimo." A revista *Centauro* publica 15 poemas da sua autoria.

1920
É publicada a *Clepsidra*.

1921
Faz o testamento, favorecendo a Águia de Prata, com quem tem uma relação, em detrimento do filho.

1926
Morre a um de Março em Macau, na casa onde residia na Rua da Praia Grande, n.º 75, vítima de tuberculose pulmonar. É sepultado no Cemitério de S. Miguel Arcanjo. No dia do enterro, Águia de Prata, que mantém uma relação com outro homem, retira objectos de valor da sua residência.

Fonte: ***Correspondência, dedicatórias e outros textos, Camilo Pessanha*, de Daniel Pires**

Árvore Genealógica da Família Pessanha

FRANCISCO DE ALMEIDA PESSANHA
Nasceu em 1845, natural de S. Sebastião do Cobro, Bragança

MARIA DO ESPÍRITO SANTO DUARTE NUNES PEREIRA
Nasceu em 1840 na freguesia de S. Facundo, Tábua

MADALENA PESSANHA

FRANCISCO DE ALMEIDA PESSANHA

MANUEL LUÍS DE ALMEIDA PESSANHA

MADALENA DA PURIFICAÇÃO PESSANHA

KUOK NGAN YENG
Conhecida como "Águia de Prata" e com quem Camilo Pessanha ficou até ao fim da vida

CAMILO PESSANHA
(Coimbra, 1867 – Macau, 1926)

LEI NGOI LONG
Concubina que Camilo Pessanha comprou a um corrector; mãe de "Águia de Prata", fruto de outra relação

FRANCISCA DO ROSÁRIO ESPÍRITO SANTO
(relação com João Pessanha quando eram jovens, nunca casaram)

JOÃO MANUEL PESSANHA
(1898-1941) Único filho conhecido de Camilo Pessanha; segundo a famíia, João teve outros filhos além dos que se conhecem. De uma mulher de Hong Kong terá tido **A VONG**

LOK KU
(mulher legítima de João Pessanha)

ADALBERTO MANHÃO

MARIA ROSA DOS REMÉDIOS DO ESPÍRITO SANTO
(1915-1996) Privou com o avô quando era pequena

CAMILO JOÃO DE ALMEIDA PESSANHA
(1929-1995)

LEONEL JOSÉ CUPERTINO ONOFRE JORGE

ANA MARIA FRANCISCA DO ESPÍRITO SANTO (JORGE)
(1933-presente) Bisneta de Camilo Pessanha; em pequena conheceu o avô João Pessanha

11 filhos, entre eles **VICTOR JORGE**, filho mais velho e trineto de Camilo Pessanha

BNU
Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行

POTENCIE
O SEU NEGÓCIO

COM SOLUÇÕES CRIADAS À SUA MEDIDA

Todas as empresas ambicionam alcançar grande sucesso.
Com uma vasta experiência no setor bancário e know how comprovado,
o **BNU** disponibiliza-lhe soluções financeiras criadas à sua medida.

BNU CORPORATE 企業服務

www.bnu.com.mo | T +853 8398 9103

GONÇALO LOBO PINHEIRO

ASSOCIAÇÃO DE BENEFICÊNCIA TUNG SIN TONG

O porto seguro de quem perdeu o norte

T NICOLE KUONG

Fundada em 1892, a Tung Sin Tong é uma associação de solidariedade fundamental em Macau, mas a sua história é também uma herança emblemática na cultura local

É DIFÍCIL imaginar Macau como um lugar onde as ruas estão a abarrotar de pessoas à procura de abrigo, roupa, alimento e cuidados de saúde. No entanto, foi exactamente isso que aconteceu na primeira metade do século XX, com particular incidência durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa e a Segunda Guerra Mundial. Apesar de Macau não ter tido envolvimento directo nos conflitos, um grande número de refugiados acorreu à região em busca de segurança. A população saltou de 160 mil habitantes em meados da década de 1920, para 500 mil em 1943. Foi um momento devastador, com milhares de pessoas a lutar pela sobrevivência, mas ainda assim gratas por terem chegado a um local onde puderam encontrar refúgio. E apoio, nomeadamente o que foi prestado de forma incansável pelas associações de solidariedade da cidade.

Lugar de gente boa

Os registos de acções de beneficência em Macau remontam ao século XVI. Durante a administração portuguesa, em 1568, o bispo Belchior Carneiro fundou a Santa Casa da Misericórdia da cidade. A sua assistência médica e social beneficia os mais desfavorecidos desde então, mas sempre sentiu dificuldades em chegar à comunidade chinesa, devido às barreiras linguísticas e religiosas. A mudança só aconteceu no século XIX, quando nascem duas entidades de base chinesa para apoiar quem mais precisa: a Associação de Beneficência Tung Sin Tong (ABTST) e a Associação de Beneficência do Hospital Kiang Wu.

A ABTST é hoje uma das mais activas entidades solidárias de Macau, possuindo uma história antiga, que se cruza com a da cidade. A poucos passos da famosa Casa de Penhores Tak Seng On, no cruzamento da Avenida de Almeida Ribeiro com a Rua de Camilo Pessanha, fica o complexo de edifícios Tung Sin Tong. É composto por uma clínica, a funcionar no edifício verde claro de estilo colonial que domina o espaço, no lado oposto da farmácia chinesa Tung Sin Tong e da escola primária com o mesmo nome.

A ABTST foi criada em 1892, inspirada pelo espírito de entreajuda da classe mais pobre da comunidade chinesa local. Entre os seus 407 fundadores destacam-se os abastados comerciantes Lou Kau, Ho Lin Vong e Cheung Ging Tong. A primeira sede era no Largo do Senado, ao lado da clínica de Sun Yat-sen, tendo mais tarde sido mudada para a Rua da Caldeira. Em 1924 estabeleceu-se finalmente no local onde está hoje, crescendo até à dimensão actual. "O nosso princípio central - 'Servirmos o mundo unidos e com todo o coração, para todos recebermos com benevolência' - nunca mudou", realça Chui Sai Peng, vice-presidente.

A ABTST tem conseguido cumprir o seu lema. Ao longo de já mais de 120 anos, assumiu a responsabilidade de ajudar pobres, doentes e aqueles que perderam os entes queridos. E o seu desenvolvimento enquanto associa-

GONÇALO LOBO PINHEIRO

Chui Sai Peng, vice-presidente da Associação e filho do antigo presidente

Tratamento tradicional chinês na década de 1970

Fotografia dos membros da direcção da Associação tirada em 1938

ção acompanhou sempre as mudanças sociais de Macau. "Fomos atendendo às necessidades que surgiram, sabendo sempre ajustar-nos às mais específicas, que a comunidade de Macau tem em determinadas alturas." A acção positiva foi aplaudida desde cedo, pois já em 1893, apenas um ano depois da fundação da ABTST, o jornal *Hao Jing Cong Bao* dava eco da satisfação dos habitantes de Macau em relação ao trabalho desenvolvido. "Uma associação como a Tung Sin Tong actua como uma ponte de comunicação entre a população e o Governo. Partilha responsabilidades sociais e permite que o Governo forme relações mais estreitas com chineses de diferentes origens", referia então jornal.

Apoio em várias áreas

O primeiro serviço posto em prática pela associação foi o apoio médico, oferecendo consultas e medicamentos de forma gratuita. Mais tarde disponibilizou outros serviços também sem nada cobrar aos utentes: obstetrícia, funerais e escolaridade. Durante as décadas de 1930 e 1940, especialmente na época da Segunda Guerra Sino-japonesa, ampliou a capacidade de ensino a uma escola primária, em 1937, e passou a aceitar estudantes do sexo feminino. Foi também nesta época que angariou fundos para distribuir sopa de arroz diariamente, tendo o número de refeições atingido um pico de 8000 por dia. Este apoio estendeu-se por vários anos, tendo sido precioso durante a grande fome de 1942, que fez 16 mil vítimas em Macau. Aliás, sempre que houve catástrofes a atingir a cidade, a ABTST esteve presente para ajudar, como por exemplo no grande incêndio na Ilha Verde, em 1950. Com a industrialização na década de 1970, muitas mulheres começaram a trabalhar fora de casa, pelo que a associação, atenta ao esforço que lhes era exigido, abriu a sua primeira creche em 1976.

A recolha de fundos anual da ABTST, com os seus membros a virem para a rua e, em conjunto, pedirem donativos às lojas, é uma tradição que a actual direcção quis manter. "Lembro-me bem do nosso anterior presidente, já com 90 anos e com dificuldades para caminhar, insistir em liderar-nos pela rua", recorda Chui Sai Peng, que é filho de Chui Tak Kei, o ex-presidente da associação. "É um exemplo que mostra bem a dedicação dos nossos membros."

Hoje, a ABTST mantém as suas áreas de influência na saúde e no ensino, mas vai além disso, nomeadamente na preservação da história e no apoio generalizado a quem quer que precise. Está focada em particular nas consequências do envelhecimento da população e na cada vez mais necessária assistência à infância. "Estamos a planear mais um centro de dia para idosos, na Rua da Alegria, assim como queremos realizar ajustes nos nossos estabelecimentos de ensino, para haver uma adaptação aos novos métodos educacionais. No futuro, queremos identificar e prestar apoio aos grupos de pessoas em risco de serem marginalizadas pela sociedade."

Chegar aos mais novos

A educação sempre foi uma prioridade para a ABTST, lado a lado com os valores éticos. Confúcio é a referência, com ênfase nos conceitos "cultivar" (*yeung*) e "ensinar" (*gaau*). Logo após a sua fundação e nos primeiros anos do século XX, a associação organizou palestras públicas louvando os valores confucianos de harmonia e solidariedade. Na época, os membros da ABTST sentiram que os valores éticos estavam a decair na região, em particular pelo crescimento do jogo e pelas tensões latentes com o elevado número de refugiados que chegava a Macau.

Agora, especialmente tendo em conta a grande prosperidade ocorrida nas últimas duas décadas, faz sentido perguntar se as novas gerações de Macau compreendem a importância da

ABTST para lá do seu valor histórico. "Estamos cientes dessa questão", confirma Chui Sai Peng. "Desde 2006 que temos um programa escolar específico para promover os valores básicos da nossa associação aos mais novos. Todos os anos fazemos um seminário de 40 minutos em diferentes escolas primárias e secundárias. Queremos que as crianças compreendam a necessidade de ter um coração generoso e uma forma cívica de estar na vida, o que é ainda mais importante numa cidade densamente povoada como Macau." A ABTST também aceita jovens voluntários dispostos a participar nas suas actividades, para assim irem ainda mais fundo na apreensão de uma cultura de solidariedade.

Sala de exposições

Com uma história tão rica, fazia sentido que a ABTST tivesse um lugar digno para mostrar o que tem sido o seu papel na sociedade de Macau. O objectivo foi concretizado em 2012, nas celebrações do 120.º aniversário da associação, com a inauguração da Sala de Exposição do Arquivo Histórico da Tung Sin Tong. O espaço tem estado aberto ao público desde então, ficando situado no edifício da clínica, no complexo da associação (o local escolhido para o arquivo histórico era anteriormente a sala de espera da clínica de medicina chinesa).

A distribuição de alimentos e roupas a famílias carenciadas começou na década de 1930

A sala de exposições utiliza tecnologia multimédia integrada na arquitectura original, para apresentar cinco ecrãs *touch screen*, onde os visitantes podem conhecer a história da associação de forma interactiva. "Reformulámos todo o edifício para que incorporasse a sala de exposições, porque queríamos mostrar a excelente arquitectura original e as memórias colectivas que aqui estão enraizadas", conta Chui Sai Peng, falando como vice-presidente da associação, mas também com a voz de quem é engenheiro civil. "Ao ver elementos arquitectónicos do edifício como as colunas de gesso de Xangai em estilo italiano, as vigas de madeira e os azulejos hexagonais com padrão chinês (um símbolo de boa sorte), o visitante é levado até 1920."

Na sala pode ser também visto um conjunto de fotos em molduras de porcelana, com todos os grandes doadores de fundos à associação, começando em 1924, e um altar dedicado a Confúcio. Para os visitantes que quiserem ter uma visão mais abrangente da história da ABTST, sem demorar muito tempo, há a possibilidade de assistirem a um documentário animado, intitulado *A vida é como uma canção*. Uma história tocante, à boa maneira tradicional chinesa, com lágrimas de emoção garantidas.

Relação de confiança

Graças ao contributo dos seus membros, a ABTST tornou-se parte indispensável da Macau dos dias de hoje. Chui Tak Kei (1912-2007), figura da cidade conhecida pela sua filantropia, foi eleito presidente da associação em 1953 e esteve à frente

A Tung Sin Tong foi pioneira a ofecerer educação gratuita à população local a partir de 1937, quando transformou uma antiga escola privada numa instituição de ensino primário para todos

Nos anos de 1930, o fotógrafo português José Neves Catela registou nesta imagem o dispensário de chá colocado em frente à associação. Qualquer transeunte podia fazer uso de uma concha de coco para beber chá

do cargo durante mais de 50 anos. Entre inúmeros avanços que trouxe à instituição de solidariedade, para benefício de Macau, conta-se a eliminação da quota de pacientes atendidos por dia, a expansão da creche e o desenvolvimento dos serviços escolares. Acima de tudo, fez com que a ABTST estivesse sempre pronta a responder às necessidades da sociedade local.

A intervenção solidária de Chui Tak Kei mantém-se hoje bem viva através do seu legado na associação, mas também nos seus familiares. O filho mais velho, Chui Sai Cheong, foi director do liceu Tung Sin Tong; o mais novo, Chui Sai Peng, é o actual vice-presidente da ABTST; e o sobrinho, o Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, esteve à frente do departamento médico da associação.

Chui Sai Peng recorda que na década de 1990, quando Macau atravessou uma recessão económica, o número de utentes dos serviços da ABTST passou de 700 para 1000 por dia. "A situação era preocupante, receámos não ter recursos suficientes. Tentámos arranjar soluções, mas o nosso presidente disse-nos para pormos um aviso na porta de entrada a dizer 'Nós, na Tung Sin Tong, só ajudamos as pessoas necessitadas'." A eficácia do "plano" era duvidosa, mas a direcção ficou estupefacta, porque o número de utentes voltou logo ao normal. Chui diz que se apercebeu então de como a comunidade de Macau era justa, pois mostrou que não iria aproveitar-se dos que realmente necessitam de apoio. "Acredito que quem nos procura é porque precisa mesmo de ajuda. A nossa relação é baseada na confiança, não apenas num contexto de dar e receber."

A ABTST garante que formou laços de proximidade não só com a comunidade, como também com os seus colaboradores. O médico Kung Shu Bing, que está na clínica da associação desde 1973, afirma-se um orgulhoso exemplo disso. "Trabalhar aqui tem um grande significado para mim. Esta é uma associação que não apenas presta serviços gratuitos, como também assume responsabilidades perante a sociedade. Sinto-me honrado por fazer parte dela." ■

GONÇALO LOBO PINHEIRO

FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU

Letras de outros mundos

T CATARINA DOMINGUES

Deixou de ser um festival exclusivamente centrado na China e nos países de língua portuguesa para dar lugar a muitas outras geografias. Mais global do que nunca, a 6.ª edição do Festival Literário de Macau – Rota das Letras, juntou este ano mais de 70 convidados de cerca de 20 países e regiões. Temas da actualidade, como a crise dos refugiados e a migração, estiveram em destaque

EDUARDO MARTINS/FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU

"GOSTAMOS MAIS do festival assim do que gostávamos de vê-lo antes e penso que as pessoas também", começa por dizer Hélder Beja, director de programação do Festival Literário de Macau – Rota das Letras. Passam poucos minutos das 11 da manhã, sentamo-nos num café a poucos minutos do edifício do Antigo Tribunal, casa-mãe do evento literário.

O festival, organizado desde 2012 pelo jornal de língua portuguesa *Ponto Final*, é hoje mais internacional do que nunca. Nesta edição de 2017, Macau olhou um pouco para todo o mundo: Singapura, Canadá, Irão, Suíça, Estados Unidos, Turquia, Irlanda e Índia são apenas alguns dos 20 países que estiveram representados por 70 convidados entre 4 e 19 de Março em Macau. "Era um festival puramente centrado no encontro entre as línguas chinesa e portuguesa e isso mudou há dois anos", nota Hélder Beja.

O programa de 235 páginas desta sexta edição, com capa desenhada pelo artista local Eric Fok, é prova disso mesmo: entre os convidados estiveram dois dos finalistas do Man Booker Prize de 2016, a canadiana Madeleine Thien e o escocês Graeme Macrae Burnet; também os franceses Philippe Graton e Clément Baloup, homens da banda desenhada, que esteve representada pela primeira vez neste festival.

A tradução literária, a escrita biográfica, a literatura de viagem e a ficção chinesa contemporânea foram alguns dos temas em discussão no festival, que este ano também se debruçou sobre a actualidade, com debates sobre a crise dos refugiados, o terrorismo e a migração. Alguns exemplos: a realizadora Clara Law, natural de Macau e a viver na Austrália, apresentou *Letters to Ali*, a história de um rapaz afegão que procura asilo político na Austrália; de Portugal foi convidado o repórter José Manuel Rosendo, que cobriu ao longo de vários anos os conflitos no Médio Oriente e

ALEXIS TAM: "HINO À INTEGRAÇÃO, DIÁLOGO E INTERCÂMBIO CULTURAL"

O contacto entre as escolas e os autores é, segundo o secretário para os Assuntos Sociais e Cultura da RAEM, Alexis Tam, um dos "méritos indiscutíveis" do festival Rota das Letras, que tem tido a capacidade de "sair do edifício do Antigo Tribunal e chegar a várias instituições de ensino", permitindo aos mais novos "uma experiência especial". À MACAU, Alexis Tam referiu ainda que o evento tem permitido reforçar o papel da região como centro de intercâmbio cultural entre a China e o universo lusófono e de promoção da língua e cultura portuguesas. "Vai de encontro à estratégia governativa de promoção da utilidade da língua portuguesa, quando a mesma se assume essencial ao desenvolvimento." Por último, acrescenta Tam, o evento "é um reflexo da história de Macau na medida em que é um hino à integração, ao diálogo, ao intercâmbio cultural que acontece agora, como no passado, nesta pequena cidade do delta do Rio das Pérolas".

EDUARDO MARTINS/FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU

No Festival Literário de Macau lançaram-se livros, projectaram-se filmes na Cinemateca Paixão, a Casa do Mandarim abriu-se ao teatro, o edifício do Antigo Tribunal à escultura, banda desenhada e fotografia

GONÇALO LOBO PINHEIRO

EDUARDO MARTINS/FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU

Sérgio Godinho, que subiu ao palco do Venetian para um concerto, lançou em Macau o romance *Coração mais que perfeito*

que em Macau participou na sessão "Europa, Refugiados e Terrorismo Islâmico".

O festival organizou ainda cerca de 30 sessões em escolas oficiais e privadas. "O Rota das Escolas é a parte mais importante do Festival Literário de Macau", considera o director de programação. "Os miúdos são de facto impressionantes e as sessões acabam sempre com uma partilha incrível entre os autores e os jovens."

O festival literário deu início este ano também ao Programa de Escritores em Residência, uma ideia já antiga e que resultou nesta edição de uma parceria com o Departamento de Inglês da Universidade de Macau. Grace Chia, autora de Singapura, foi a primeira convidada a integrar o projecto. "Tem uma série de actividades com os alunos, uma *master class*, um *workshop*, uma sessão de leituras e, ao mesmo tempo, tem o resto do tempo livre para escrever e trabalhar nos seus projectos", explica Hélder Beja.

E que impacto tem tido o festival entre a população de Macau? O responsável considera que a forte adesão ao Concurso de Contos, que já vai na quinta edição, reflecte um crescente interesse pela escrita. "No que toca à comunidade chinesa, há muitas pessoas a escrever para o concurso de contos, até mais do que falantes de língua portuguesa de Macau, porque a maior parte dos contos em língua portuguesa vem do Brasil e de Portugal".

ENCONTRO ENTRE DOIS MUNDOS

O Rota das Letras continua a ser um palco privilegiado de encontro entre a China e os países de língua portuguesa. Yu Hua, presente nesta edição, é um dos nomes mais traduzidos da literatura contemporânea chinesa e autor das obras como *To Live* e *China in Ten Words*. Do Interior da China, destaque ainda para a presença de Qin Wenjun, escritora de literatura infantil, e dos poetas Ouyang Jianghe e Wang Jianxin.

No universo de língua portuguesa, a sexta edição do evento ficou marcada pelo regresso do jornalista e escritor José Rodrigues dos Santos e pela presença de autores como Pedro Mexia, Bruno Vieira Amaral e João Morgado. A literatura de Cabo Verde fez-se representar pelo escritor e ministro da Cultura e das Indústrias Criativas Abraão Vicente; do Brasil veio Natália Borges Polesso, vencedora do prémio Jabuti; da Guiné-Bissau, Abdulai Silá, autor de *Eterna Paixão*; e a escritora e activista cultural Deusa d'África deu voz a Moçambique. Em representação de Macau, estiveram autores portugueses e chineses. Carlos Morais José, José Manuel Simões e Inocência Mata juntaram-se a Lawrence Lei, Rai Mutsu e Eric Chow neste grupo de escritores locais.

Manuel Vicente em discurso directo

GONÇALO LOBO PINHEIRO

A IDEIA de fazer a biografia de Manuel Vicente foi uma sugestão de um ex-aluno do arquitecto e amigo da escritora Raquel Ochoa. Objectivo: revelar o homem que existe dentro do arquitecto. A autora portuguesa aceitou o desafio de passar para o papel a vida de um homem "fascinante" e "com uma voz muito grande", embora soubesse desde logo que não seria fácil "isolá-lo da arquitectura, a sua língua-mãe".

"Fiquei maravilhada, mas apercebi-me rapidamente que seria uma biografia complicadíssima de escrever, pelo seu carácter dispersante e porque era uma vida nada linear", recorda a autora, que marcou presença no Festival Literário de Macau, onde lançou *A desmontagem do desconhecido*. "Manuel Vicente tinha este vício de desmontar as coisas e de as explicar na sua visão muito própria", refere a biógrafa.

Manuel Vicente nasceu em 1934 e trabalhou em Lisboa, Funchal, Goa e Macau. Era um homem do mundo, um viajante, diz Ochoa. "Tinha uma interpretação do mundo já do alto dos seus 70 e muitos anos e era uma visão que a mim me interessava, tínhamos esse ponto de contacto", revela.

Foi em Macau, onde viveu e trabalhou mais de 30 anos, que Manuel Vicente desenvolveu grande parte da sua obra. A demolição do bairro social do Fai Chi Kei, projectado pelo arquitecto em 1977 e premiado pela organização de arquitectura ARCASIA, é um dos episódios abordados na obra. "A reacção dele foi exímia", recorda a autora, que recua a um outro episódio passado muitos anos antes em Macau, quando um dos seus projectos foi alterado. "Referiu que a tensão arterial voou para níveis de onde nunca mais saiu. E ele disse assim: 'Nessa altura entendi que as minhas obras eram as minhas obras e eu era eu e, hoje em dia, perante a notícia do Fai Chi Kei, não me envolvo emocionalmente com isso, estou triste, gostava que não acontecesse, mas também não contem comigo para fazer qualquer tipo de oposição à decisão'".

Com a morte do arquitecto, em 2013, Raquel Ochoa, que estava a meio do projecto, acabou por optar por um ensaio biográfico em vez de uma biografia, recorrendo ao discurso directo como forma de "ressuscitar a voz" de um homem que deixou saudades. "Temos saudades daquela gargalhada, da maneira como ele conseguia orientar ou destruir uma conversa, tentei ao máximo que essa personalidade vibrante aparecesse em discurso directo."

Cabo Verde apresenta Morabeza

CHAMA-SE MORABEZA e é filho de um ministro-escritor. O novo festival literário de Cabo Verde, que arranca já este ano na Cidade da Praia, tem como objectivo promover a "cena literária cabo-verdiana" e fazer do arquipélago um lugar de "partilha da literatura". Quem o diz é Abraão Vicente, escritor, artista plástico e ministro da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde, que esteve em Macau para participar no Rota das Letras.

"Morabeza significa a arte de receber bem, a simpatia", explica ainda à MACAU Abraão Vicente, revelando que o novo evento literário pretende ser também um encontro entre continentes.

O evento, que se realiza este ano entre a última semana de Outubro e a primeira de Novembro, tem um orçamento inicial de 100 mil euros e deverá contar com a participação de 24 escritores, incluindo o angolano José Eduardo Agualusa e o cubano Pedro Juan Gutierrez.

Numa reunião em Macau com membros do governo local, o responsável cabo-verdiano revela que foi proposto que o Morabeza se abrisse também à literatura chinesa. "Creio que com o tempo se irá diversificando", admite o ministro.

Ainda durante a estadia em Macau, o responsável pela pasta da cultura cabo-verdiana reuniu-se com representantes do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau). À MACAU, o líder sublinhou que a área da cultura deve fazer parte da estratégia do organismo: "Direccionei todas as minhas propostas para o sector da cultura ser convidado a fazer parte do Fórum, não de forma a que encontre financiamento a partir de outros sectores, mas no sentido de se criar a partir do sector cultural formas de intercâmbio que gerem rendimento para os criadores". ▪

GONÇALO LOBO PINHEIRO

28.04-**31.**05.2017

Bilhetes já se encontram à venda na Bilheteira Online de Macau.

BILHETES **(853) 2855 5555**

INFORMAÇÕES **(853) 8399 6699 / fam@icm.gov.com**
(no horário de expediente)

立即關注 微信帳號

澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau

www.icm.gov.mo/fam

MACAO ARTS FESTIVAL

APOIO

BANCO ASSOCIADO ESPECIAL

CARTÕES DE CRÉDITO ASSOCIADO

PARCERIAS COM ÓRGÃOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

SUBSÍDIOS DE RENDA

PARCEIRO DE BEBIDAS

Viver em harmonia

T MÓNICA MENEZES F PAULO CORDEIRO
Em Portugal

Em Portugal, praticar tai-chi-chuan começa a estar cada vez mais na moda. Os exercícios libertam o stresse e provocam uma sensação de paz interior, asseguram os praticantes

"AQUI ESVAZIO o pensamento, aqui faço meditação em movimento." De olhos semicerrados, a sentir cada posição que o professor recomenda é assim que Jorge, 60 anos, encontra a paz dentro de si. Todos os exercícios físicos que gostava de praticar, como o ténis e o karaté, estavam postos de lado por causa de lesões no joelho, e o tai-chi apareceu como a solução ideal para se sentir bem física e psicologicamente. Jorge demorou cerca de dois meses e meio para aprender os 108 movimentos de forma que o tai-chi taoista tem. É por já saber a lição de cor que já não se engana quando o professor, que dá a aula aberta na Associação Fung Loy Kok Taoismo de Portugal, em Lisboa, fala em "acariciar o dorso do cavalo", por exemplo. Para Jorge foi relativamente fácil absorver essa mais de centena de movimentos de forma, mas não é assim com todos. No decorrer de uma aula, uma aluna queixa-se que nunca irá conseguir aprender tudo. "Eu não tenho dúvidas, eu não fixo é os movimentos. Estou aqui há dois anos e não fixo os movimentos", queixa-se. O professor não lhe dá espaço para a desistência. "Tu vais conseguir, não penses. Se conseguires imaginar este movimento ele vai sair fluido e gracioso." Luís Mendes, o instrutor, não deixa ninguém ir abaixo perante as dificuldades. "Repete, afasta o macaco, repete, imagina que estás a segurar a cabeça do cavalo e a acariciar-lhe o peito. Agora repete." Luís não deixa ninguém desistir, mas ao fim de cinco minutos já nos estávamos a sentar novamente. Tínhamos a desculpa per-

O QUE É A ASSOCIAÇÃO FUNG LOY KOK TAOÍSMO DE PORTUGAL?

Com a intenção de trazer aos portugueses conhecimentos sobre as Artes Internas Taoistas foi, há 17 anos, criada em Lisboa esta associação. Segundo João Oliveira Martins, um dos membros da direcção, as pessoas vão à procura de "exercício físico, equilíbrio, postura, convívio, saber estar e mais conhecimento sobre as religiões. E o tai-chi é uma das artes que pode ser aqui praticado, tal como a meditação e os cânticos. Esta associação, sem fins lucrativos, está aberta a pessoas de todas as idades e religiões.

feita: ninguém consegue tomar nota dos apontamentos e acariciar cavalos imaginários! E, além disso, o professor já tinha avisado que é quando se deixa de pensar que o tai-chi passa a ser mais saudável. "Uma coisa é estar em stresse, outra é deixar ir. Estamos aqui para trabalhar o corpo de forma suave, mas feito com convicção o tai-chi também faz suar", assegura Luís.

Ajudar os outros

A Associação Fung Loy Kok tem com alguma regularidade aulas abertas de tai-chi taoista. Servem não só para angariar novos alunos, mas também para a confraternização. A sala com vista para a rua, toda envidraçada de um lado, e com um espelho de parede a parede de outro, vai enchendo de forma gradual. É uma mistura de religiões que se espera ver mesclada dentro desta associação. "A nossa relação com a sociedade é um trabalho de irmãos, o nosso papel é termos compaixão para nos colocarmos no lugar dos outros", esclarece João Oliveira Martins, instrutor e membro da direcção da Associação. Em Portugal há, para já, 52 praticantes de tai-chi taoista, mas no total de 26 países o número é bastante mais considerável: 40 mil membros desta organização internacional. Seja em que país for, os objectivos são sempre os mesmos, dando como primazia o "ajudar os outros".

E foi aqui que Cristina, 40 anos, marketeer de profissão, encontrou a ajuda necessária para conseguir limpar a cabeça de todo o stresse acumulado. "Foi uma boa descoberta. Alterou um pouco a minha vida, ajudou-me a manter as coisas simples", explica. E enquanto segura a chávena de chá por entre os dedos, encontra várias razões para praticar regularmente tai-chi. "Não dói o corpo, traz paz, é um silêncio que vem de dentro, é uma droga barata, é viciante. Quando estou a fazer, não estou a pensar." Aos 82 anos, Américo também já está viciado no tai-chi. Começou há poucos meses por recomendação do médico,

ENTENDENDO O TAI-CHI-CHUAN TAOISTA

O tai-chi-chuan foi criado por sacerdotes taoistas que nos seus retiros espirituais utilizavam-no como uma ferramenta para se atingir a saúde física, energética e espiritual, e para que pudessem permanecer em meditação por longos períodos de tempo. O tao, ou o absoluto, tem na meditação o caminho espiritual por excelência. É uma arte marcial que detém uma sequência de movimentos, ou seja, uma forma que sustenta um trabalho energético. Essa prática é, portanto, arte marcial, trabalho energético e filosófico. Na vertente mais purista, a prática baseia-se nos conceitos e técnicas da alquimia interior taoista, cujo trabalho é realizado basicamente a nível energético, tendo como objectivo percorrer o caminho de reintegração da integridade do ser.

mas em nenhum momento sentiu as aulas como obrigação. Aliás, sempre que um treino termina fica a contar os dias para o seguinte, até porque o bem-estar físico com que fica não tem preço.

Termina o momento de pausa. É hora de voltar a pôr em prática as coreografias. João insiste na postura, no sorriso obrigatório que não é só para ficar bem na foto – "além de ter grandes vantagens, ajuda a manter a boca ligeiramente aberta e isso permite uma melhor respiração", explica –, nos braços esticado no ar para deitar cá para fora toda a preguiça. "Não se preocupem com nada. Deixem os pensamentos vir e ir embora." Tudo é feito com uma leveza e delicadeza desconcertante. Há bocejos. Há descompressão. Ninguém fica a suar como num desporto qualquer, mas a mente estará certamente mais sã. "Se melhorarmos enquanto pessoas, estamos a melhorar a sociedade", realça João. ■

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play,
a nova aplicação da MACAU em língua portuguesa
para telefones inteligentes e tabletes disponibiliza,
em formato PDF, todas as revistas da série IV.
Pode mesmo descarregar a edição pretendida
e lê-la, mais tarde, em modo offline.

www.revistamacau.com

DIA DO BUDA (佛誕節) E DE TAM KUNG (譚公)

T FERNANDO SALES LOPES
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

UMA DAS mais significativas datas do calendário budista, assinala o nascimento de Buda (ou seja, de Sakyamuni que incarnou como Príncipe Sidharta, fundador do Budismo). As comemoração do Dia do Buda têm lugar no oitavo dia da 4.ª Lua, que corresponde este ano ao dia 3 de Maio do calendário Gregoriano. Entre as diversas cerimónias que têm lugar nos templos budistas, a mais participada pelos devotos, e pela curiosidade do público em geral, é a do Banho do Buda

*Historiador, Mestre em Relações Interculturais

Banho do Buda (浴佛節)

O Banho de Buda é uma cerimónia que se realiza em todos os templos budistas de Macau – nomeadamente no Templo de Pou Tai Un, na Taipa, onde se encontra a maior imagem de Buda de Macau – e, mais recentemente, num local público, normalmente no Largo do Senado ou na Praça do Tap Seac), com a presença do Chefe do Executivo.

Os monges, regra geral, utilizam no ritual do Banho do Buda, no dia do seu aniversário, uma imagem de Buda recém-nascido, em posição de pé com um dedo apontando o céu e outro a terra Neste dia coincidem ainda, na RAEM, as festividades do Dragão Embriagado (醉龍節), com início no templo de Kuan Tai (como já referido na edição 49 da MACAU), e a de Tam Kung (譚公), em Coloane.

Tam Kung, Deus dos Mares

Segundo a lenda, Tam Kung terá nascido em Hui Lung, na Província de Guangdong, durante a Dinastia Yuan. Com 12 anos, os seus poderes sobrenaturais para comandar os ventos e as águas – dos mares, rios ou dos céus –, e para curar doenças eram bem conhecidos.

Criado pela avó, já que era órfão de pai, o pequeno Tam Kung bem cedo começou a demonstrar os seus dons e qualidades. Dizem as lendas que tinha a faculdade de controlar o tempo e de curar as doenças. Exibia os seus poderes de forma simples, como criança que era. Consta que para fazer chover lhe bastava lançar ao ar um punhado de pevides e que, erguendo as mãos aos céus, por maior que fosse a tempestade ela se acalmava.

Inúmeras lendas sustentam o estatuto de divindade de Tam Kung. Uma outra conta que a criança costumava pastar as vacas da sua avó num planalto conhecido por ser habitat de muitos tigres. Uma tarde não voltou da sua actividade e o povo preparou uma batida para o encontrar. Com espanto de todos encontraram o menino a brincar alegremente com os tigres que lhe obedeciam a todas as ordens. Por isso, no

Tam Kung é uma divindade local muito popular na região do Rio das Pérolas e seus afluentes, venerada essencialmente pelos Hakka, festejada anualmente pelos homens do mar

templo que lhe é dedicado a pintura do tigre está bem visível.

Foram esses poderes especiais para comandar os elementos que o transformaram numa divindade popular entre os homens do mar. Tam Kung pertence ao grupo de divindades que regem os mares e os rios. A Tam Kung são também atribuídos poderes proféticos que passa aos seus devotos através dos sonhos.

Sendo os seus poderes conhecidos ainda em criança, tornando-se, então um imortal, é com essas características físicas que é representado nos templos. Uma imagem jovem, de face limpa, com uma cabaia colorida muitas vezes decoradas com elementos de *yin* e *yang*.

Mas se estes poderes lhe deram lugar de divindade, os feitos levados a cabo em Coloane deram-lhe estatuto de divindade com influência na vida dos locais. Ora o que se conta é que um dia a mãe de Tam kung teve um sonho onde tudo brilhava. Ao acordar lembrou-se que sonhara com uma mesa redonda e sete bancos, tudo em ouro num determinado sítio da ilha de Coloane. Ao acordar foi a correr ao local, mas nada encontro, ficando muito triste e perturbada. Ora o filho ao saber disto mandou construir uma mesa com sete bancos mas… em pedra. Depois levou a mãe ao local mostrando-lhe que ela tinha razão, que tinha visto a mesa e os sete bancos, mas não eram de ouro mas sim de pedra. A sua mãe acalmou, então, o desespero. E lá está no templo de Tam Kung de Coloane a mesa com os sete bancos.

Culto de Tam Kung e a Festa em Coloane

Tam Kung é uma divindade local muito popular na região do Rio das Pérolas e seus afluentes, venerada essencialmente pelos Hakka, festejada anualmente pelos homens do mar. Por isso, os grandes festejos que têm lugar em Coloane desde o templo com o seu nome, abrangendo toda a zona envolvente, até ao Largo Ramalho Eanes, têm como protagonistas as gentes do mar locais, mas também de colónias piscatórias do Delta.

Em sua homenagem realizam-se em Coloane espectáculos de ópera num pavilhão que para o efeito é montado no largo fronteiriço ao templo (Largo Tam Kung Miu); desfiles etnográficos, tendo como motivo a vida das gentes ligadas ao mar; parada com representação de ranchos folclóricos de matriz portuguesa, mas também *majorettes*, ou grupos de dança jazz, ou de outro estilo, bandas juvenis ou outras, mostrando a participação multicultural e multiétnica nas festas da divindade.

Esta mistura entre a tradição e a modernidade deve-se ao facto da existência de empresas sediadas nas ilhas e que se integram na comunidade apoiando os festejos de variados modos. Espectáculo único é a dança de um dragão-humano formado por crianças que, aos ombros dos mais velhos, representam as partes do corpo, as suas escamas e a cabeça.

O templo dedicado a Tam Kung

Edificado em 1862, o templo de Tam Kung (譚公廟), em Coloane (dedicado a esta única divindade), localiza-se no topo da Avenida de 5 de Outubro, frente ao mar. Possui três câmaras horizontais, com dois pavilhões de cada um dos lados. A entrada do templo é guardada por dois leões de pedra. O templo é gerido pela Associação de Beneficência Quatro Pagodes. No seu interior, encontra-se o célebre barco-dragão construído a partir de um osso de baleia, com cabeça e cauda de dragão oferecido por pescadores. Na parede ao lado esquerdo da entrada encontra-se a pintura de um tigre assinalando o que descreve uma das lendas, que acrescenta ser hábito da divindade sair sempre acompanhado por um tigre.

Actividade sempre esperada nas festas de aniversário das divindades são os

Depois da purificação pelos pivetes, panchões da dança do leão, Tam Kung sai em procissão do seu templo andando pelas ruas de Coloane, abençoando a vila e visitando os palácios das outras divindades, nomeadamente Tin Hau, a deusa dos mares, Kan Fa, a Flor Dourada que divide com Kun Iam e Va Kuong o pequeno templo de Sam Seng

espectáculos de ópera, e para tal se monta enorme pavilhão no largo fronteiriço ao templo.

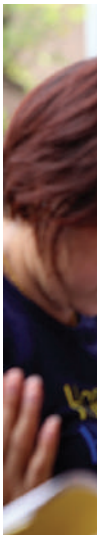
A procissão: Tam Kung visita outras divindades

Depois da purificação pelos pivetes, panchões da dança do leão, Tam Kung sai em procissão do seu templo andando pelas ruas de Coloane, abençoando a vila e visitando os palácios das outras divindades, nomeadamente Tin Hau, a deusa dos mares, Kan Fa, a Flor Dourada que divide com Kun Iam e Va Kuong o pequeno templo de Sam Seng. Tam Kung, que vai num andor-cadeira, regressará ao seu templo acompanhado das outras divindades que se fazem representar em pequenas estátuas que ficarão no pavilhão multifunções, onde terão lugar as diversas actividades, estando presentes e a elas assistindo.

Do pavilhão, no final de uma ópera, sairão para sacrificar em honra da divindade alguns artistas que despem um personagem, assumindo outro. Da ópera para o templo. Oficiando como bonzos taoistas, em deambulações significantes, venera-se, pede-se protecção para todos. Para os homens do mar principalmente. Enaltecem-se as virtudes do deus-menino. Do grande Tam Kung o Deus dos mares dos ventos.

Na antiga vila de Coloane, os festeiros divertem-se assistindo às diversas actividades, passeando a beira de água olhando lugares que trazem ainda à memória o que foram as grandes actividades económicas. Para além da agricultura, foi o mar o seu grande suporte, quer na construção naval, quer na pesca e no comércio de peixe fresco ou seco. A vista já não perscruta o horizonte acima da Ilha da Montanha. São altas as construções. Os *aguchões* (as redes de abater) já não descansam encostadas às árvores do pagode, as filas não são para comprar peixe seco, mas sim pastéis de nata de feitio luso e sabor sino-britânico apelidados de *egg tarts*.

Contudo a tradição continua: é a festa da comunidade piscatória, da população de Macau que não perde a alegria, e dos turistas que sabendo do evento marcam todos os anos presença. ▪



八仙賀壽

O imaginário mundo real de Wong Cheng Pou

T CATARINA DOMINGUES F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Wong Cheng Pou representa Macau na 57.ª Bienal de Veneza, com início em Maio. O artista, também presidente do Centro de Pesquisa de Gravura de Macau, leva até à cidade italiana uma série de modelos tridimensionais, instalações e pinturas. É um mundo imaginário que o aproxima da natureza. Criou-o para que passasse a existir

"A AGITAÇÃO faz parte", diz Wong Cheng Pou. E quando fala em agitação não esconde que sente angústia e felicidade ao mesmo tempo. O artista de 60 anos, admite que pouco tem dormido. Puseram-se as férias do Natal, seguindo-se os feriados da mais longa e importante festividade da China, o Ano Novo Chinês, e Wong andou atarefado visando o envio para Veneza de todo o projecto em Março.

Encontramo-nos no final de Janeiro no ateliê Art Square, ao lado do Centro Cultural de Macau, onde o artista e também presidente do Centro de Pesquisa de Gravura está a trabalhar. O espaço, amplo, não tem ninguém neste sábado de Inverno, e de sol. Máquinas de gravura ocupam um canto da sala, num quadro branco estão pendurados desenhos, esquissos, fotografias, folhas de jornal, notícias de Macau, de Hong Kong. Wong pousa o computador pessoal na longa mesa de tampo branco. Sentamo-nos.

As 13 esculturas representam o mundo imaginário de Wong, podem ser brinquedos, pode nem haver uma explicação

"Aqui está a família", aponta. Várias esculturas aparecem alinhadas numa fotografia no ecrã do computador: um homem-pão, dois homens-ovo, os três homens do buraco, o senhor Yam, um pato, um porco, um bonsai, um homem iluminado, uma serpente-coração, uma seta.

As 13 esculturas representam o mundo imaginário de Wong, podem ser brinquedos, pode nem haver uma explicação. "Por que razão é necessário entender o que é para entrar numa peça de arte?", pergunta-me.

Num texto introdutório, Wong Cheng Pou escreve: "No mundo, tudo é mais numeroso e complicado, as pessoas sentem-se confusas ao movimentarem-se entre as brechas de cidades lotadas. E eu tenho sorte de viver algures perto do mar, lugares altos que visito sempre que posso, onde me sento sem nada fazer, só a observar as montanhas encantadas".

Wong procura aproximar-se da natureza, admite a necessidade de criar um mundo que não existe, ao invés de pegar naquilo que é real. "Como não encontro nada assim, então imagino", reflecte. Ideias que o transportam até ao universo e "às criaturas que, de forma excêntrica, tomam conta dos mares e das montanhas na obra *O Clássico das Montanhas e Mares* de Shan Hai Jing, compilada entre 500 a.C e 200 a.C, e que fala de geografia, mitologia, bruxaria, costumes locais".

Cabe ao bonsai liderar esta família que vai levar a Veneza. "O bonsai do meu sonho", como baptizou a peça, tem numa das extremidades uma torre fina, elegante, é a Torre de Macau, um dos poucos elementos que nos fazem relacionar o projecto com a cidade onde estamos. Projectada com quase três metros, esta escultura teve de ser reduzida para "se adaptar ao espaço em Veneza", revela. "O bonsai era um dos prazeres dos intelectuais, plantavam-no no quintal, representava uma espécie de mundo interior, ao qual davam uma forma especial, fazendo migrar pedras, flores e ramos de outras grandes árvores através de técnicas antigas. Eles criavam um mundo, onde pudessem viver", recorda.

Uma série de pinturas e de instalações completa ainda o projecto de Wong para o espaço de Macau em Veneza. Para isso, o artista trabalhou com uma vasta equipa de artistas e técnicos espalhados por ateliês em Macau, Hong Kong, Interior da China e Malásia.

O escolhido

À semelhança das edições anteriores da Bienal de Veneza, coube ao Museu de Arte de Macau (MAM) seleccionar "um artista activo nos círculos artísticos locais, com realizações notáveis tanto em termos de produção artística como de contributo para a promoção das artes e um ícone entre os artistas contemporâneos". O júri, que incluiu Chan Hou Seng (director do MAM), António Conceição Júnior (consultor de arte do mesmo museu), Hsu Hsiu-Chu (directora da Escola de Artes do Instituto Politécnico de Macau), o artista Wong Ho Sang e o curador Ng Fong Chao escolheram o nome de Wong Cheng Pou entre uma lista de 40 artistas. A escolha "reuniu consenso entre os membros do júri", revelou à comunicação social o Instituto Cultural de Macau.

Wong procura aproximar-se da natureza, admite a necessidade de criar um mundo que não existe, ao invés de pegar naquilo que é real. "Como não encontro nada assim, então imagino"

"Esta bienal não é algo a que se possa concorrer, é-se escolhido", reage agora o artista, admitindo estar "satisfeito" por ter sido seleccionado.

A 57.ª Bienal de Veneza realiza-se entre 30 de Maio e 26 de Novembro e tem como tema "Viva Arte Viva". A mostra teve início em 1895 e Macau participou pela primeira vez em 2007. De acordo com o Instituto Cultural, só na edição passada, o Pavilhão de Macau atraiu mais de 60 mil visitantes.

Wong Cheng Pou, que será o 15.º artista a representar a cidade, nasceu em Macau em 1960. Premiado com o Sovereign Asian Art, em 2010, foi também reconhecido como um dos 30 artistas de topo da Ásia. Wong esteve envolvido no desenvolvimento da educação artística local, dedicando-se desde os anos 1990 ao ensino de gravura. Trabalhou como assistente de investigação na Escola de Belas Artes Slade, do University College de Londres, e é actualmente presidente do Centro de Pesquisa de Gravura de Macau e curador-chefe da Trienal de Gravura de Macau.

No passado, exerceu funções na área da investigação e museologia do então Leal Senado (hoje Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais), foi chefe do departamento de Gravura da Academia de Artes Visuais (actualmente a Escola de Artes do Instituto Politécnico de Macau), que ajudou a criar, e coordenador da Exposição Etnográfica no antigo Museu Luís de Camões. Com obras espalhadas por vários museus e unidades hoteleiras da região e do mundo, Wong Cheng Pou já expôs em vários países, como no Japão, Reino Unido, Bélgica ou Portugal.

Religião, natureza e Bartolomeu Cid dos Santos

"Na minha infância fui educado numa escola católica, associo os trajes religiosos a uma espécie de misticismo fan-

A 57.ª Bienal de Veneza realiza-se entre 30 de Maio e 26 de Novembro e tem como tema "Viva Arte Viva". A mostra teve início em 1895 e Macau participou pela primeira vez em 2007. Só na edição passada, o Pavilhão de Macau atraiu mais de 60 mil visitantes

tástico, é neles que encontro o que mais gosto nos meus deuses imaginários." Este excerto, escrito por Wong Cheng Pou, faz parte ainda da introdução ao trabalho que vai apresentar em Veneza e revela a influência que o Colégio Ricci, estabelecimento religioso onde estudou desde pequeno, teve no seu desenvolvimento artístico. Wong recorda-se desse espaço, que se debruçava sobre a água, lembra-se que jogava futebol ali mesmo, à volta havia árvores, não o trânsito de hoje. Em casa, não tinha televisão. Wong ia ao cinema, lia banda desenhada. "Não havia entretenimento barato", recorda.

A gravura apareceu quando ainda era novo, foi numa exposição de Mui Chong Ki na então galeria do jornal *Va Kio*. "Mal me recordo do conteúdo, mas fiquei tão interessado na técnica, era como se estivesse a carimbar, e era tão complicado, que comecei a fazer eu mesmo, utilizava borrachas."

Terminado o ensino secundário, Wong Cheng Pou mudou-se para Hong Kong, onde, ao longo de dois anos, frequentou cursos de arte, *design* e gravura. Vivia em Wanchai, trabalhava no restaurante do Yacht Club. De lado ficou Nova Iorque, ficou Paris, ou por falta de dinheiro ou por não dominar a língua francesa, e aos 21 anos acabou por optar pela capital japonesa, Tóquio, onde prosseguiu os estudos em artes visuais. "No Japão aprendi muito ao nível pessoal, sobre a forma como te relacionas com a natureza."

Antes de se fixar definitivamente em Macau, Wong Cheng Pou viveu ainda no Reino Unido, onde esteve a convite do investigador, pintor e gravador português Bartolomeu Cid dos Santos (1931–2008), na altura director do departamento de gravura da Escola de Belas Artes Slade, do University College de Londres. Aí foi assistente de investigação. Wong volta a abrir o álbum digital que preparou para esta entrevista. Numa das fotografias, que data de 1994, aparece a trabalhar numa máquina de gravura. "Estou a imprimir uma recordação para a princesa Ana [filha da rainha Isabel II], a quem pertencia a universidade, e que está na fotografia. Para mim foi uma honra, e ele [Bartolomeu Cid dos Santos] dizia, 'tens de guardar esta fotografia, é muito importante, um dia vais precisar'", recorda. ■

REGRESSO AOS SUCESSOS DOS ABBA

Dois espectáculos do grupo Björn Again vão fazer Macau recuar aos anos 1970, aos ABBA e êxitos como *Dancing Queen, Waterloo* ou *The Winner Takes It All.* O grupo de Melbourne, fundado pelo músico Rod Stephen, actuou em Hong Kong em 1997, durante a cerimónia de transferência de administração para a China. Vai subir ao palco do Teatro do Venetian já em Maio

Anos 1970, cetim e lantejoulas. Os quatro membros dos ABBA, Benny Andersson, Anni-Frid Lyngstad, Björn Ulvaeus e Agnetha Fältskog, vão estar em Macau pela primeira vez. Mas não se trata do grupo de música sueco, mas dos Björn Again, uma banda-tributo dos ABBA, originária de Melbourne, Austrália. Em palco, pouco os diferencia do grupo que fez êxito na década de 70 do século passado: são a imagem dos quatro elementos da banda original, vestem as mesmas roupas, cantam os mesmos temas e até imitam a pronúncia dos suecos. Em suma, o espectáculo dos Björn Again "é o mais próximo que pode ver dos ABBA", como disse em 1999 um dos elementos da banda original, Benny Andersson. Com Björn Again "os ABBA nunca se vão reformar", sublinhou o músico.

A paródia musical em torno dos ABBA, que sobe ao palco do Teatro do Venetian entre 12 e 13 de Maio, vai trazer a Macau êxitos mundiais como *SOS, Dancing Queen, Waterloo, Super Trouper* e *The Winner Takes It All.* Sobre o espectáculo, que segundo a revista *Time Out* de Nova Iorque é «um dos mais divertidos do mundo», o Venetian Macau revela que a actuação apresenta «um espectáculo repleto de acção, uma produção de classe mundial, combinando com um guarda-roupa reluzente».

O grupo Björn Again foi criado e fundado pelo músico Rod Stephen,

em 1988, na cidade australiana de Melbourne. Com músicas e coreografias dos ABBA, criadas em forma de paródia satírica, o espectáculo rapidamente alcançou fama internacional.
Rod Stephen trabalhava na área da investigação metalúrgica quando, aos 29 anos, inspirado pela musicalidade e teatralidade do lendário grupo neozelandês de música pop e rock Split Enz, decidiu mudar o rumo da sua carreira. Criou então um novo conceito, em que revisitaria a música e a moda de décadas passadas. Inicialmente Rod considerou um espectáculo inspirado em três bandas mundialmente conhecidas, Beatles, Queen e ABBA, mas acabou por fazer um espectáculo inspirado apenas nos ABBA por considerar que estes "encerravam tudo o que era bom (e talvez algumas coisas não tão boas) dos anos 70", como se pode ler numa pequena biografia na página oficial do grupo. "Aquilo que começou como uma ideia um pouco louca em 1988 levantou voo como um foguete em todo o mundo", refere ainda o mentor dos Björn Again.
Ao longo destes 29 anos – uma carreira bem mais longa do que a dos ABBA – os Björn Again fizeram perto de 7000 espectáculos em mais de 100 países. Passaram por festivais de rock – Reading, Glastonbury e T in the Park são apenas alguns deles – actuaram na Ópera de Sydney, no Royal Albert Hall de Londres, no Estádio de Wembley e em Hong Kong, durante a cerimónia de transferência de administração daquela região para a China. Além disso, cantaram num espectáculo em que estava presente o presidente da Rússia, Vladimir Putin, foram convidados pela Rainha Isabel II para cantar no Buckingham Palace e no casamento do actor neozelandês Russell Crowe.

BJÖRN AGAIN – THE ULTIMATE ABBA EXPERIENCE
TEATRO DO VENETIAN
12/13 DE MAIO DE 2017
Bilhetes desde MOP180

Na Agenda

Dança

Arroz

"O melhor teatro de dança contemporânea na Ásia", escreveu o *The Times* sobre "Arroz", um espectáculo da companhia de dança Teatro Cloud Gate de Taiwan. A actuação celebra o ciclo da natureza em paralelo com o drama humano e junta projecções de vales e arrozais a uma mescla coreográfica de dança contemporânea e artes marciais. O coreógrafo Lin Hwai-min guia os bailarinos nesta representação da intimidade entre o homem e a natureza
CENTRO CULTURAL DE MACAU
15 DE ABRIL DE 2017
Bilhetes desde MOP 150

Teatro

Há dragão ou talvez não

A nova peça da Associação de Representação Teatral Hiu Koc foi buscar inspiração aos contos de Akutagawa Ryunosuke *O Nariz* e *Dragão*. Um monge chamado Kei-in tinha capacidade de profetizar porque tinha um nariz enorme. Porém, um dia bateu com o nariz, perdendo essa habilidade. O monge revelaria então que um dragão iria voar para os céus. Foi a partir desse momento que a ecologia de toda a cidade e a mentalidade de todos os cidadãos seriam completamente alteradas.
EDIFÍCIO DO ANTIGO TRIBUNAL
6-9 DE ABRIL DE 2017
Bilhetes a MOP 150

Música

O Reino Mágico da Música

A Associação de Percussão de Macau apresenta um programa destinado a crianças e adultos com dezenas de músicas de cartoons e filmes tocadas ao som de diversos instrumentos musicais. O workshop "Bum! Brrum! Brrrumble!!!" vai ter lugar após o espectáculo.
TEATRO D. PEDRO V
27/28 DE MAIO DE 2017
Bilhetes a MOP100

Varga e Schwizgebel-Wang em Macau

O maestro húngaro Gilbert Varga, que colaborou, pela primeira vez, com a Orquestra de Macau em 2015, vem de novo à cidade para dirigir a Orquestra e o pianista de origem helvético-chinesa Louis Schwizgebel-Wang. No ano passado, Wang gravou os *Concertos para Piano de Saint-Saëns* com a Orquestra Sinfónica da BBC, tendo escolhido, para apresentar ao público de Macau, o *Concerto para Piano n.º 2* daquele compositor.
CENTRO CULTURAL DE MACAU
10 DE JUNHO DE 2017
Bilhetes desde MOP 150

AMOR POR MACAU

Iniciativa da Associação de Fotógrafos a Preto e Branco em conjunto com o Museu de Arte de Macau, "Amor por Macau" apresenta ao público 150 fotografias documentais de Lee Kung Kim. São "preciosas memórias visuais" a preto e branco que retratam vários aspectos da vida da cidade entre as décadas de 60 e 70 do século passado

Ao todo são 150 fotografias, divididas nas séries "patriotismo" e "costumes locais", que revelam vários aspectos da vida de Macau entre as décadas de 1960 e 1970. A exposição "Amor por Macau" de Lee Kung Kim, para ver até 9 de Julho deste ano no Museu de Arte de Macau (MAM), apresenta a cidade a preto e branco: são fotografias de paisagem, do dia-a-dia dos templos, da vida marítima, entre outros.
Lee Kung Kim, oriundo da Província de Guangdong, morreu em 2015 com 86 anos de idade, mas deixou uma importante herança visual da história da cidade que o acolheu quando tinha 17 anos. Todo o trabalho fotográfico do autor, incluindo rolos fotográficos, foram doados pela família ao MAM para integrarem a colecção permanente do museu.
"A fotografia deu-me a conhecer inúmeros mentores e amigos. Eu também fortaleci o meu corpo e acumulei experiências com o sucesso,

lições e fracassos. Mas mais importante ainda, consegui reunir inúmeras fotografias históricas e documentais, que são a fortuna artística de toda a minha vida. A fotografia é a minha segunda vida, e a máquina fotográfica será sempre meu fiel parceiro." Estas são palavras do fotógrafo recordadas agora pelo director do Museu de Arte de Macau, Chan Hou Seng, numa introdução à exposição "Amor por Macau", uma organização conjunta do museu e da Associação de Fotógrafos a Preto e Branco.

Lee Kung Kim nasceu em Meizhou em 1930 e começou a fotografar nos anos 1950. Foi presidente do conselho de administração da Associação Fotográfica de Macau, consultor da Associação de Fotógrafos da China e ainda presidente honorário de diversas associações fotográficas. Conquistou, além disso, diversos prémios em inúmeros concursos de fotografia internacionais.

"Kung", que significa "Duque", alcunha pelo qual Lee Kung Kim era conhecido – muitos tratavam-no por "Duque Lee" – deixou à cidade "preciosas memórias visuais", refere ainda na nota introdutória Chan Hou Seng, dando como exemplo alguns dos momentos captados pelo fotógrafo durante e cobertura do "Movimento 1-2-3", em 1966. O responsável pelo museu sublinha ainda o trabalho desenvolvido por Lee na promoção de actividades de fotografia em Macau e no reforço do intercâmbio com o Interior da China. "Assumiu uma atitude perseverante e séria. Ao longo dos anos, fez inúmeras viagens por diferentes lugares. Com sua máquina fotográfica e um físico forte, nunca baixou a guarda e, assim, acumulou muitos trabalhos que estão compilados nos três volumes da 'Colecção de Fotografias da Exposição Retrospectiva do 60.º Aniversário da Carreira Fotográfica de Lee Kung Kim' que se realizou em 2012", nota ainda Chan Hou Seng.

MUSEU DE ARTE DE MACAU
ATÉ 9 DE JULHO DE 2017
Entrada livre

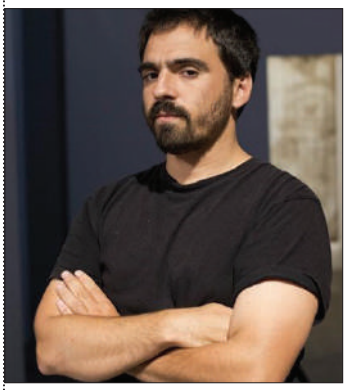
Para ver

Velejar no Sonho

A exposição "Velejar no Sonho – Obras de Kwok Woon" apresenta mais de 40 obras do pintor Kwok Woon (1940-2003), que ao longo da carreira se expressou através da pintura, técnicas mistas e instalações de arte, entre outros. Kwok Woon nasceu em Guangdong, no Interior da China, fixando-se em Macau em 1980. As obras do pintor têm uma relação estreita com o quotidiano e a cultura de Macau.
OFICINAS NAVAIS, RUA DE S. TIAGO DA BARRA, N.º1
ATÉ 23 DE ABRIL DE 2017
Entrada livre

Gengibre Local

"Gengibre Local – Exposição Colectiva de Graffiti da Nova Geração" apresenta obras do *grafitter* PIBG e de criadores de grafíti da nova geração de Macau. PIBG é pioneiro local desta arte urbana, com obras caracterizadas por personagens e animais em estilo humorístico.
GALERIA JUNTO AO LAGO NO ANIM' ARTE NAM VAN
ATÉ 6 DE ABRIL DE 2017
Entrada livre



Destroços

Depois do mural no Consulado Geral de Portugal, Alexandre Farto, mais conhecido como Vhils, regressa a Macau para "Destroços", a sua primeira exposição individual na cidade. A mostra surge na sequência de um convite do Instituto Cultural. O artista, que vai usar várias técnicas e diferentes média, pretende "fazer uma reflexão sobre o meio urbano de Macau e as suas particularidades".
OFICINAS NAVAIS, RUA DE S. TIAGO DA BARRA, N.º1
DE 1 DE JUNHO A 5 DE NOVEMBRO
Entrada livre

Obra de Ah Chung

"Gosta das obras de arte de Ah Chung, plenas de zen e humor?" Se sim, pode ver as pinturas do artista de Hong Kong até 31 de Maio no MacPro Art Space. Ah Chung, que quer dizer "insecto", é o nome artístico de Yim Yee King. O artista tem "uma admiração por minhocas, não porque têm um grande instinto de sobrevivência, mas porque são felizes mesmo em ambientes duros", escreve a galeria sobre o artista.
ESPAÇO DE ARTE MACPRO, RUA DA FELICIDADE NO.11, R/C, MACAU
ATÉ 31 DE MAIO DE 2017
Entrada livre

MACAENSES: UMA COMUNIDADE FLEXÍVEL COMO O BAMBU

Ao contrário do período que antecedeu a transferência de administração, hoje os macaenses afirmam-se portadores de uma "identidade própria" e "cultura mista", tirando o maior proveito de se movimentar entre dois universos – o português e chinês –, como defende a antropóloga portuguesa Marisa Gaspar, autora da recém-lançada obra *No tempo do bambu: Identidade e ambivalência entre macaenses*

T CATARINA DOMINGUES

Marisa Gaspar passou longas tardes à conversa com o escritor e advogado macaense Henrique de Senna Fernandes – lembra-se que "era um exímio contador de histórias" – estudou e contactou ao longo de vários anos com a comunidade macaense, com quem foi estabelecendo laços afectivos. Mas é preciso recuar mais de dez anos para entender a relação desta investigadora portuguesa com esta comunidade e com Macau. Terminado o curso de Antropologia, a então recém-licenciada foi fazer um estágio profissional para o Centro Científico e Cultural de Macau, em Lisboa. Da cidade que ficava a milhares de quilómetros do escritório onde trabalhava, pouco ou nada sabia. "A partir daí comecei a ficar fascinada com este universo", diz à MACAU, revelando que foi esse o ponto que a levou a avançar para um projecto maior.

No tempo do bambu: Identidade e ambivalência entre macaenses, obra lançada este ano na Casa de Macau em Portugal, é uma adaptação para livro da tese de doutoramento que concluiu em 2013. No projecto, a autora explora a forma como as mudanças sociais, económicas e culturais em Macau no período pós-transição se reproduziram em termos de alterações identitárias na comunidade macaense. Para a investigação, Marisa Gaspar estabeleceu contacto com macaenses radicados em Portugal, macaenses da diáspora e associações da região.

A antropóloga fala de uma mudança de paradigma: se durante a administração portuguesa, os macaenses se assumiam como portugueses, hoje assumem-se "como um produto de várias misturas". Neste estudo de caso, que reforça a ideia de que "não há uma identidade fixa com a qual se nasce e com a qual se morre", a autora conclui: "O macaense afirma-se como alguém com uma identidade própria, uma cultura própria, que é deles, nem é portuguesa, nem é chinesa, é uma cultura mista". Esta ambivalência é definida pela investigadora como "estratégica", por permitir à comunidade "tirar proveito de poder estar nos dois universos ao mesmo tempo, tendendo mais para um ou outro quando é necessário".

Para ler

Ópera no Festival Internacional de Música de Macau

Associação dos Médicos de Língua Portuguesa de Macau, 2017
Shee Va

Depois de *Espíritos*, o médico Shee Va voltou a lançar um livro, desta vez sobre ópera. Recorrendo a uma personagem que tem a mesma idade que o Festival Internacional de Música de Macau – 30 anos –, o autor recupera o passado do festival e das várias óperas que subiram aos palcos da região. Este é o primeiro de três volumes.

Famílias Macaenses – II Edição

Albergue SCM, 2016
Jorge Forjaz

Cerca de duas décadas depois de publicar a primeira edição, Jorge Forjaz apresenta uma reedição da obra *Famílias Macaenses*. São mais 80 capítulos, que só a Internet permitiu que ganhassem vida. Se há 20 anos todos os contactos eram feitos por carta, agora o contacto e acesso aos arquivos foi facilitado pelas novas tecnologias.

Foi esta flexibilidade e facilidade de adaptação da comunidade que levou a antropóloga a optar pelo termo "bambu" no título. "Acho que todas essas mudanças [que ocorreram em Macau depois de 1999] podem ser simbolizadas por esse bambu, que tem de vergar para se conseguir, no certo tempo, reerguer e voltar a estar pujante. E mesmo a própria flexibilidade que ele tem, anda de um lado para o outro, mas não quebra e acho que a comunidade macaense é muito assim: tem de ser muito flexível, tem de se adaptar, e adapta, muda, mas consegue sempre prevalecer".

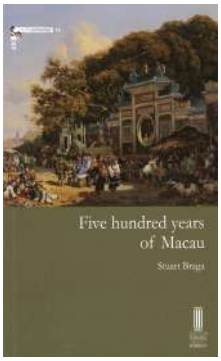
O livro, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia do Governo português, não vai ser comercializado, mas encontra-se disponível em várias bibliotecas nas universidades de Macau. A obra pode, além disso, ser descarregada gratuitamente no website do Instituto do Oriente do Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

NO TEMPO DO BAMBU: IDENTIDADE E AMBIVALÊNCIA ENTRE MACAENSES
INSTITUTO DO ORIENTE, ISCSP, UNIVERSIDADE DE LISBOA, 2017
MARISA GASPAR

O Cantar de Macau

Instituto Internacional de Macau, 2016

O livro reúne um conjunto de cantilenas, lengalengas e algumas canções que fazem parte do folclore tradicional, musical e poético de Macau. Trata-se de "uma modesta contribuição do IIM, editando-as em português, chinês e inglês, para registar a memória colectiva da comunidade macaense mas também reavivar o interesse por aquelas cantilenas pelos quatro cantos do mundo", escreve a instituição sobre a obra.



Five Hundred Years of Macau (Quinhentos Anos de Macau)

Stuart Braga
Instituto Internacional de Macau, 2016

Five Hundred Years of Macau do macaense australiano Stuart Braga leva o leitor numa viagem à história de Macau ao longo de cinco séculos. O livro está ilustrado com fotografias e mapas, a maior parte reunidos por José Maria Braga (Jack Braga), que viveu e trabalhou em Macau entre 1924 e 1946.

VISTA PANORÂMICA DE MACAU

Início do século XX

F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

A BAÍA da Praia Grande, que se vê na imagem, foi uma das zonas de Macau mais retratada por pintores e fotógrafos até aos finais do século XX. Em tempos ex-líbris da cidade, esta baía serviu de inspiração a poetas como Yin Guanren, que compôs versos em honra do nascer do sol naquela zona da cidade.

Esta fotografia, que pertence ao Arquivo Histórico de Macau, foi tirada no início do século XX, quando a zona em redor ao Jardim de São Francisco ainda fazia parte da baía. Como se pode observar, ainda não tinham sido construídos aterros nessa área – extremidade direita da imagem – onde, aliás, seria inaugurada ali perto, em 1940, a estátua de Ferreira do Amaral (removida em 1991).

A partir de meados do século XX, o recorte da baía viria a ser alterado com a sucessão de aterros.

A fotografia a preto e branco, tirada do alto da Colina da Penha, revela a península de Macau ainda com uma vasta área de zonas verdes, uma fileira de mansões coloniais e, na água, uma frota piscatória. Recorde-se que a indústria da pesca foi uma das mais importantes até meados do século XX.

Ao longe, no ponto mais alto, observa-se com pouca nitidez o Farol da Guia e, cá em baixo, o Forte de São Francisco. Do lado esquerdo surge a Fortaleza do Monte.

MACAU 2016

LIVRO DO ANO

EDIÇÃO ESPECIAL EM CD

Seja bem-vindo à consulta
do ***MACAU - LIVRO DO ANO***, dos últimos anos,
através da seguinte página electrónica,
ou descarregando as aplicações:

Página electrónica:
http://yearbook.gcs.gov.mo

Aplicações:

iOS Android

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2016 – LIVRO DO ANO** em versão CD (edição especial) já se encontram à venda. O anuário regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos aqueles que desejem estudar e compreender melhor Macau.

A partir deste ano, o **LIVRO DO ANO** deixa de ser publicado em suporte papel, mas ganha uma versão digital mais abrangente, com fotografias e vídeos que também podem ser consultados online (arquivo disponível desde o anuário de 2002) ou através de aplicativos para telemóveis e tabletes.

Coleccione Selos de Macau

澳門郵票 收藏

Collect Macao's Stamps

集郵微信QRcode

快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU
電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491　傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603
電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo　網址 Website: http://philately.ctt.gov.mo

澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau

集郵 MACAU, CHINA 澳門 中國 FILATELIA